ar Livre

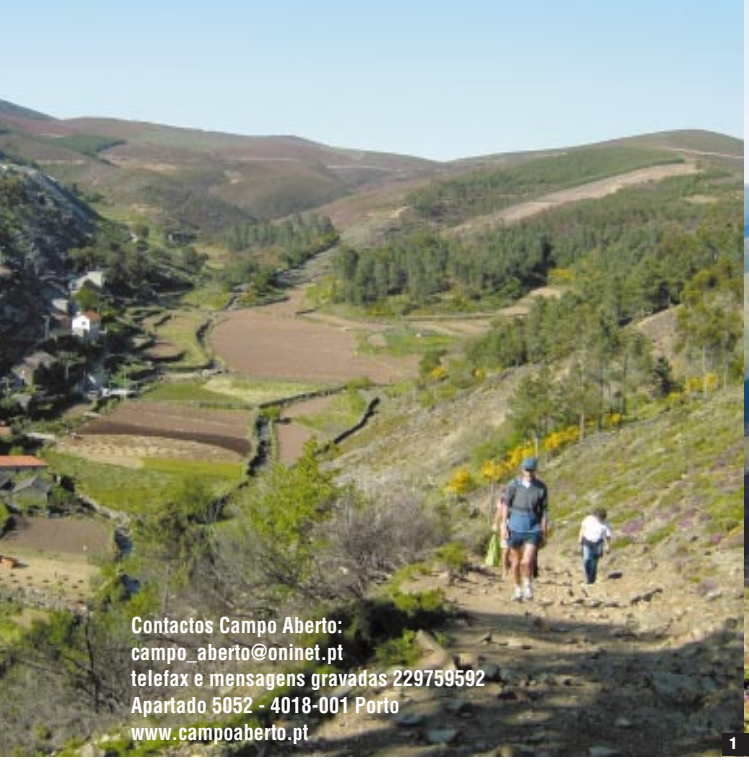
Ambiente, Cultura e Alternativas | nº 16 | 2005 | € 2.50

PERMACULTURA
A revolução disfarçada de jardinagem

QUINZE ANOS DE COMBATE DE UM PARLAMENTAR EUROPEU
Entrevista com Paul Lannoye

OS TEIXOS DA QUINTA DOS CARVALHOS DO MONTE

ISSN 1645-4766



1 2

A associação Campo Aberto, que edita a revista Ar Livre, foi fundada em 2000, e terá o seu quinto aniversário em 2005. Entretanto, além de diversas intervenções na região do Porto e Noroeste em matéria urbanística e ambiental, a Campo Aberto tem promovido diversos passeios a zonas de interesse pelo seu património natural, cultural e paisagístico, que têm igualmente constituído oportunidades de criar e consolidar laços e amizades. Em 2004, a associação promoveu o seu I Ciclo Jardins, a que se seguirá em 2005 um segundo ciclo constituído por visitas e palestras sobre os mais notáveis jardins do Porto e Região.

3

4

5

Passeio da Campo Aberto à Serra da Freita, no Maciço da Gralheira, guiada pelo Dr. Mário de Araújo Ribeiro, autor do livro *O Maciço da Gralheira*.

1. Povoação de Regoufe.
2. A «Garra», formação montanhosa da Serra da Ribeira.
3. Contemplando a paisagem no Maciço da Gralheira

I Ciclo Jardins

4. Visita ao Jardim Botânico, orientada pelo botânico Dr. Paulo Alves.
5. Palestra da Arq.ª Teresa Andresen, na inauguração do Ciclo Jardins 2004, promovido pela Campo Aberto.

... Continua na página 55

editorial

Ar Livre *regressa ao convívio dos leitores com um dossiê especial sobre uma forma de agricultura ecológica ainda pouco conhecida em Portugal: a Permacultura (ver caderno central). A sua elaboração ficou a dever-se a Nelson Avelar, um dos poucos permacultores portugueses, que é igualmente o autor da capa deste número e das fotografias que ilustram o referido caderno.*

Regressamos também à série O Sentimento da Natureza na Cultura Portuguesa, *desta vez com um artigo de António Cândido Franco sobre Sebastião da Gama, talvez o último poeta da Natureza na poesia portuguesa. Inserimos igualmente alguns poemas de Sebastião da Gama como ilustração, algumas fotografias relacionadas com a sua biografia, e alguns poemas de Aurélio Porto sobre o Poeta de* Serra-Mãe. *Agradecemos de forma especialmente calorosa a autorização que nos deu a viúva do Poeta, D. Joana Luísa da Gama, para a reprodução dos poemas e das fotografias. Sem esquecer que foi ao título de um dos livros deste comovente Poeta da Arrábida que fomos buscar o nome da associação que edita esta revista:* **Campo Aberto.**

Com a entrevista de Paul Lannoye, um dos mais diligentes deputados europeus de sempre em matérias de interesse ambiental, damos uma perspectiva complementar à de Nelson Avelar relativamente à agricultura ecológica, vista agora do ângulo legislativo e institucional. Mas também assuntos como os pesticidas, a poluição nuclear, as medicinas doces ou suaves e as energias alternativas são abordados nessa entrevista. Agradecemos a colaboração e simpatia com que contámos da parte de Yves Rasir, o entrevistador.

Um artigo de Paulo Ventura Araújo, Maria Pires de Carvalho e Manuela Delgado Leão Ramos sobre os teixos do Norte de Portugal e em particular do Porto dá seguimento ao trabalho destes autores sobre árvores e jardins já publicado no n.° 15. Ainda não recuperámos da surpresa que nos proporcionou o seu belíssimo livro À Sombra de Árvores com História *e já nos deliciam com o que será talvez o embrião de um novo livro.*

Uma curiosa nota de Pedro Schprejer sobre o filme Surplus *e diversas recensões de factos e publicações de interesse para os leitores completam este número de Ar Livre, que esperamos vos agrade. Escrevam-nos a transmitir as vossas impressões, interrogações e mesmo discordâncias. Elas serão tidas em conta e talvez publicadas em próximos números. E recebam os nossos votos de um ano de 2005 pleno de alegrias e de bons momentos passados na Natureza e em seu conhecimento, ilustração e defesa.*

J. Dias Marques

sumário

Os Teixos da Quinta dos Carvalhos do Monte ... 6
Paulo Ventura Araújo, Maria Pires de Carvalho, Manuela Delgado Leão Ramos.

Viajar sem sair de casa ... 11

A paz é uma construção ... 12

REACH ... 13
e as loucuras da indústria química

Bhopal profunda injustiça ... 13

Wangari Maathai ... 14
Prémio Nobel da Paz para a Ecologia e para as Árvores

Eco-casa ... 15

Combat Nature ... 16
o último número de uma grande revista

Paul Lannoye ... 17
Quinze anos de combate de um parlamentar europeu

Dossiê Permacultura ... 20 a 37
A arte de colaborar com a natureza
Nelson Avelar

A Natureza na poesia de Sebastião da Gama ... 38
António Cândido Franco

Uma leitura de **Sebastião da Gama** ... 43
Aurélio Porto

Vida e obra de **Sebastião da Gama** ... 46
José Carlos Marques

Pedra & Cal ... 50
e a arquitectura de terra

O Consumidor Existe? Sobre o filme Surplus ... 50 a 52
Pedro Schrepjer

Joaninha Avoa Avoa ... 51

Litoral Norte guia de percursos ... 52

Há lobos na serra... da Aboboreira ... 53

Insubmissos ... 54

AR LIVRE encontra-se à venda na lista de livrarias, quiosques, papelarias e outros locais a seguir indicada. Esta lista não é exaustiva e irá sendo gradualmente completada.

GAIA

Parque Biológico de Gaia, Avintes

LISBOA

Espiral, Praça Ilha do Faial, 14-A
Ler Devagar, Rua de São Boaventura, 115
Livraria Barata, Av. de Roma, 11-D
Tabacaria Rafa, Gare do Oriente
Tema, Av. da Liberdade, 9 loja 1

MATOSINHOS

Centro de Educação Ambiental da Quercus, Mercado Municipal
Tabacaria Pirilampo, Estação de Metro, Senhora da Hora

PORTO

Livraria Leitura, Rua de Ceuta, 88
Livraria José Alves, Rua da Fábrica, 74
Livraria Utopia, Rua da Regeneração, 22
Porto Editora, Praça Filipa de Lencastre, 42
Livraria Unicepe, Praça Carlos Alberto, 128-A 1.°
Vício da Cópia, Rua Conde de Avranches, 433

ERRATA: A fotografia da página 14 do n.° 15 de Ar Livre, que representa Manuela Bio Lourenço na preparação de uma acção não-violenta, juntamente com um grupo de objectores de consciência ou adeptos da não-violência, data de 30 de Janeiro de 1979. A acção, que decorreu diante da Assembleia da República, visava a aprovação do Estatuto de Objector de Consciência.

FICHA TÉCNICA: AR LIVRE Publicação trimestral **DIRECTOR E COORDENADOR:** J. Dias Marques **COLABORARAM NESTE NÚMERO:** A. Martins Ferro, António Cândido Franco, Aurélio Porto, Manuela Delgado Leão Ramos, Maria Monteiro, Maria Pires de Carvalho, Nelson Avelar, Paulo Ventura Araújo, Pedro Schprejer **AGRADECIMENTO ESPECIAL A:** Joana Luísa da Gama, Biblioteca-Museu Sebastião da Gama, Câmara Municipal de Setúbal, Nelson Avelar, Lúcia Fernandes, Yves Rasir **IMAGEM DA CAPA:** Nelson Avelar **FAX E GRAVADOR DE MENSAGENS:** 22 975 9592 **CORREIO ELECTRÓNICO:** campo_aberto@oninet.pt **CORRESPONDÊNCIA:** AR LIVRE, a/c Campo Aberto – Apartado 5052 – 4018-001 PORTO **REGISTO NACIONAL** n.° 118598/1994 do Instituto da Comunicação Social **TIRAGEM:** 1000 exemplares **EXECUÇÃO GRÁFICA:** Rainho & Neves – Santa Maria da Feira **PAPEL:** 100% reciclado; impresso com tintas vegetais **PROPRIEDADE E EDIÇÃO:** Campo Aberto – Associação de Defesa do Ambiente **PRODUÇÃO:** Edições Sempre-em-Pé **INVERNO-PRIMAVERA 2005**

As propostas de *Constituições Democráticas para o Terceiro Milénio*, de Jean Pignero, são uma síntese única da experiência das várias correntes de pensamento e movimentos cívicos do século XX, em especial no capítulo dos direitos humanos, da reforma da justiça, da igualdade entre mulheres e homens e da defesa da natureza e do ambiente.

Uma bússola para um pensamento social que se encontra fortemente abalado pela queda das utopias marxistas, pela rejeição crescente das ideologias ultraliberais que ocuparam o espaço deixado vago por aquelas e pelo caos sem alma que prolifera nos interstícios dos vários sistemas desacreditados.

Esta obra é o nº 19 da colecção Viver é Preciso, a primeira colecção de livros em Portugal inteiramente dedicada aos temas do ambiente, natureza e sociedade. Viver é Preciso publica-se desde 1974
Edições Afrontamento, Porto

Como democratizar a democracia e levá-la realmente a sério?

Encomende o seu exemplar, enviando o seu pedido acompanhado de pagamento de € 9.00 em cheque em benefício de Campo Aberto. No envelope escreva: Campo Aberto – Apartado 5052 – 4018-001 Porto.

ESTE NÚMERO DE **AR LIVRE**
foi produzido por

Edições Sempre-em-pé

Rua Camilo Castelo Branco, 70/52
4425-037 ÁGUAS SANTAS

Telefax: 229 759 592
sempre-em-pe@oninet.pt

Almargem
associação de defesa do património cultural e ambiental do algarve

ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DO PATRIMÓNIO CULTURAL E AMBIENTAL DO ALGARVE

Alto de São Domingos, 14
Apartado 251
8100 LOULÉ
Telefax: 289 412 959
almargem@mail.telepac.pt

SAL®
www.sal.pt

PASSEIOS PEDESTRES *em Portugal*

Venha ...

Telf 265.227.685 www.sal.pt

os teixos da quinta dos Carvalhos do Monte

Paulo Ventura Araújo, Maria Pires de Carvalho, Manuela Delgado Leão Ramos

> *«Andei há tempos várias léguas para ver um teixo, que é uma árvore que os botânicos dizem que vai acabar.»*
>
> **Miguel Torga**
>
> in *Diário IV* (Novembro de 1947)

A quinta do Porto a que se refere o título, e que tinha essa designação já no século XVII, há muito que não existe, e dos carvalhos que lhe deram nome também não sobra vestígio, mas os teixos ainda lá estão. Os terrenos da quinta, que no final do século XVIII e primeira metade do século XIX pertencia à família Ribeiro Braga (os Bragas da rua com o mesmo nome), foram sendo progressivamente ocupados por arruamentos (Rua do Mirante, Praça do Coronel Pacheco, Rua dos Bragas) e estabelecimentos de ensino (Liceu Carolina Michäelis, Colégio Almeida Garrett e Faculdade de Engenharia). A quinta confinava a norte com a famosa Quinta da Bela Vista, que pertenceu aos condes de Resende e foi destruída no final do séc. XIX para se abrir a Rua de Álvares Cabral.

Na Praça Coronel Pacheco há dois portões gémeos, um de cada lado da embocadura da Rua do Mirante. O portão da esquerda dá acesso ao antigo Colégio Almeida Garrett, que funcionou entre 1913 e 1975, passando então o edifício a ser um anexo da FEUP; actualmente está lá a Academia Contemporânea do Espectáculo. O portão da direita abre para as traseiras da antiga FEUP (actual Faculdade de Direito), onde há um edifício semelhante ao do Colégio Almeida Garrett e que, construído na década de 1870, albergou já três escolas distintas: o Colégio Inglês do Sagrado Coração de Maria (de 1873 a 1910), o Liceu Carolina Michäelis (de 1914 a 1951, ano em que o liceu se transferiu para o recém-construído edifício da Ramada Alta) e o Departamento de Engenharia de Minas da FEUP (de 1962 até à mudança da FEUP para a Asprela, em 2000). Actualmente o edifício está desocupado. No jardim do edifício vegeta uma araucária-de-Norfolk (*Araucaria heterophylla*), possivelmente centenária, que se avista a grande distância, erguendo-se acima de todas as construções vizinhas. Pensámos em fotografá-la quando coligíamos material para o livro *À sombra de árvores com história*, mas a ocasião acabou por não se proporcionar, e em todo o caso já tínhamos muitas fotos de araucárias do Porto. Quando por fim visitámos o local, em Agosto de 2004, as outras árvores que lá encontrámos quase nos fizeram esquecer a araucária. O que vimos foram dois teixos – *Taxus baccata* – femininos (o que no Verão é atestado pelas carnudas bagas vermelhas em forma de cilindro oco), duas árvores que, pelas suas dimensões, se guindam ao pódio das maiores do país: a mais entroncada tem um perímetro à altura do peito (PAP) de 3,5 metros, o que faz dela vice-campeã nacional, logo a seguir a uma árvore em Bragança (que tem 4,6 m de PAP e está, desde 1974, declarada de interesse público); mais alta e mais esguia, a sua companheira fica-se pelos 2,9 m de PAP, o que ainda assim lhe assegura um honroso quarto lugar. As alturas das árvores rondarão os 12 e os 15 metros. Como é típico desta espécie, a sua folhagem perene e miúda, de tom escuro, compõe copas abobadadas muito largas e densas: um aguaceiro repentino fez-nos abrigar debaixo delas, e nem uma gota nos salpicou; e, felizmente para elas, dado o estado de abandono do jardim, não há trepadeira ou outra planta que possa vicejar debaixo de copas tão cerradas.

Os teixos podem viver milhares de anos, e por isso estes dois são ainda relativamente jovens, contando, numa estimativa cautelosa, entre 350 e 400 anos (em regra, o perímetro de um teixo não cresce mais do que um metro em cada 100 anos); mas, **num país arboricida como o nosso, é um milagre que os tenham deixado viver tanto tempo**: são mais velhos do que quase todos os edifícios e monumentos que hoje compõem a fisionomia urbana do Porto (incluindo, obviamente, a Torre dos Clérigos). Das muitas gerações de estudantes, professores e funcionários que passaram pelo edifício, terá alguém atentado seriamente nessas árvores admiráveis? Se o fez, não parece ter deixado testemunho escrito desse reconhecimento. **Esperemos que a Universidade do Porto saiba apreciar o valor único destas árvores e tenha a sensatez de as poupar da próxima vez que o velho edifício entrar em obras.**

Embora mais jovens do que os anteriores, há outros três teixos portuenses dignos de nota, dois deles no jardim do antigo palacete dos Burmester (Rua do Campo Alegre, n.º 1021/1055) – actualmente pertença da Universidade do Porto – e o terceiro e mais notável nos jardins da Casa Tait – os quais, apesar de serem desde 1978 património municipal, se apresentam notoriamente degradados. Nos arredores do Porto, cumpre mencionar um outro teixo notável nos jardins históricos e primorosamente conservados da Quinta do Alão, em Leça do Balio.

Espécie autóctone em grande parte da Europa, o teixo encontra-se quase extinto na flora portuguesa, mas a sua antiga abundância entre nós é atestada pelo antropónimo *Teixeira* e pela existência, do Alentejo a Trás-os-Montes, de topónimos como *Teixeiras*, *Teixeiró*, *Teixoso*, *Teixelo*, *Teixedo* etc. De acordo com um artigo de 2003 na Tribuna da Natureza, as nossas últimas teixeiras situam-se na Serra do Gerês, assinalando-se ainda alguns exemplares isolados na Serra da Estrela. É sobretudo à acção dos pastores, alarmados por o teixo ser venenoso para o gado, que se deve a progressiva eliminação desta planta na sua forma espontânea. O que não significa a extinção da espécie, pois há até muitos teixos nos nossos jardins; mas são, quase todos eles, teixos irlandeses, clones de uma árvore de forma invulgar descoberta na Irlanda por volta de 1780, que se distinguem pelo seu porte

colunar e ramos ascendentes. Se, como parece, formos incapazes de os salvar na natureza, que ao menos plantemos nos nossos jardins teixos portugueses, obtidos de exemplares da nossa flora.

Tradicionalmente encontrado em cemitérios e ligado ao culto dos mortos, ao teixo foram atribuídas qualidades desagradáveis: «árvore funesta, fúnebre, melancólica», chamou-lhe Frei Domingos Vieira no seu *Grande diccionario portuguez ou thesouro da lingua portugueza* (Porto, 1871-1874). Na Grã-Bretanha há ainda veneráveis teixos em numerosos cemitérios e adros de igreja: crê-se hoje que muitos deles terão mais de 2000 anos, sendo por isso anteriores, não apenas aos templos, mas à própria religião que os fez construir; o mais velho deles, em Fortingall, na Escócia, terá cerca de 5000 anos, e é possivelmente o ser vivo mais idoso na Europa. **De símbolos da morte, os teixos passaram gradualmente a ser vistos como um elo vivo com um passado inimaginavelmente distante**; e, nos últimos anos do do século XX, o projecto *Yews for the millenium*, de gente empenhada na perpetuação de tão remota herança, promoveu a plantação nas paróquias britânicas de milhares de estacas desses velhos teixos.

O NOME DA ÁRVORE

O género Taxus, criado em 1753 por Lineu, conta com 8 espécies muito semelhantes, havendo até quem as tenha considerado como subespécies do teixo comum, *Taxus baccata*. Lineu adoptou para o género a designação latina da árvore, da qual deriva o vocábulo português *teixo*. O primeiro registo desta palavra remonta a 1457, mencionando-se então, a propósito do pagamento de uma certa dízima, uns «paaos de teixo» (J.P.Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*). Para que serviriam estes paus? Entre as possíveis utilizações, destaca-se o fabrico de lanças e de arcos. É aliás significativo o facto de *taxus*, em latim, designar simultaneamente a árvore, a sua madeira, «haste de lança, lança (feita de teixo)» e, ainda, «arco». Segundo algumas fontes, a etimologia da palavra vai mais longe, e radica nos termos gregos *toxun*, *toxon* (arco) e *toxikon* (veneno), aludindo às já referidas características extremamente tóxicas de toda a árvore (excepto a parte carnuda dos arilos). A resistência e dureza também são apanágio desta espécie, como prova o mais antigo artefacto de madeira descoberto até hoje por investigações arqueológicas: uma lança de 36,7 cm feita de madeira de teixo, com nada menos do que 50.000 anos, encontrada em Clacton-on-Sea, Inglaterra, em 1911 (cf. Hartzell Jr., Hal. 1991. *The yew tree: a thousand whispers*. Eugene, Oregon: Hulogosi. cit. por <http://www.botanik.uni-bonn.de/conifers/ta/ta/index.htm>) .
O vocábulo *baccata*, designativo da espécie, remete para a forma do fruto, parecido com uma baga.

Bibliografia

Nuno Daupiás, «Os Bragas da Quinta dos Carvalhos do Monte». *O Tripeiro*, série 5, ano 12 (1957), p. 308-312

Horácio Marçal, «O antigo lugar do Mirante ao norte dos Ferradores» (1962). *O Tripeiro*, série 6, ano 2 (1962), p. 79-81

João G. Costa, «Vamos reproduzir o teixo português». *Teixo – Boletim Informativo do Grupo Quercus* n.º 2 (1986), p. 2-3

Luísa Marques, Luís Rodrigues. «Teixo: o ancião dos bosques». *Tribuna da Natureza* n.º 13 (2003), pp. 4-7

COLECÇÃO AMBIENTE

- Concebida com o intuito de condensar e facilitar a consulta da legislação, do contencioso contra-ordenacional e da jurisprudência no direito do ambiente.
  Na verdade, a vastidão das áreas que a legislação do ambiente abrange levou os autores a organizarem uma colecção temática, que conta já com os seguintes títulos:

- **a legislação básica do ambiente**
- **água**
- **resíduos**
- **ruído**
- **ar**

- A colecção destina-se a todos quantos se confrontam com as questões ambientais, *v. g.*:

– juristas
– consultores técnicos
– estudantes
– organismos públicos
– autarquias
– empresas
– associações

formato: 16,7 × 24,4 cm
n.º de páginas: 88

3ª edição actualizada

Inclui:

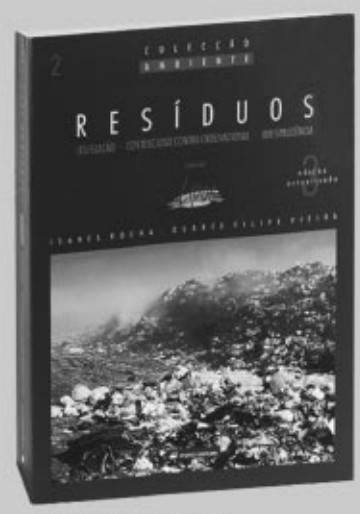
- Tratado da Comunidade Europeia (artigos relativos ao Ambiente)
- Constituição da República Portuguesa (artigos relativos ao Ambiente)
- Código Penal (artigos relativos ao Ambiente)
- Lei de Bases do Ambiente
- Lei das Associações de Defesa do Ambiente
- Síntese da legislação em vigor nos domínios da água, resíduos, ruído e ar

formato: 16,7 × 24,4 cm
n.º de páginas: 416

3ª edição actualizada

Inclui, entre outra, legislação relativa:

- À qualidade da água
- À descarga de águas residuais
- Ao licenciamento da utilização do domínio hídrico
- Ao regime jurídico da gestão, de captação, tratamento e distribuição de água para consumo público, de recolha, tratamento e rejeição de efluentes e de recolha e tratamento de resíduos sólidos

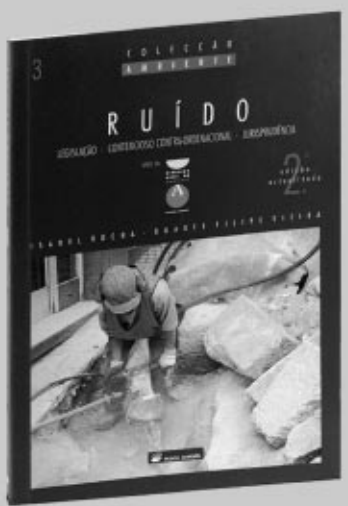


formato: 16,7 × 24,4 cm
n.º de páginas: 720

3ª edição actualizada

Inclui, entre outra, legislação relativa:

- À gestão de resíduos
- À transferência de resíduos
- À localização de lixeiras
- Aos resíduos sólidos hospitalares
- Aos óleos usados
- Às pilhas e acumuladores usados
- **Contém, ainda, as convenções internacionais mais importantes da matéria devidamente actualizadas**



formato: 16,7 × 24,4 cm
n.º de páginas: 208

2ª edição actualizada

Inclui, nomeadamente:

- Regulamento Geral do Ruído e legislação conexa
- Legislação sobre o controlo da poluição sonora na construção de instalações destinadas a *boîtes*, discotecas e certos espectáculos ao ar livre e outros
- Legislação relativa ao ruído de aeronaves
- Legislação relativa ao controlo metrológico
- Legislação relativa a equipamento de protecção individual no trabalho

formato: 16,7 × 24,4 cm
n.º de páginas: 208

2ª edição actualizada

Inclui, nomeadamente:

- Legislação relativa à protecção e controlo da qualidade do ar
- Legislação relativa ao controlo metrológico
- Legislação relativa à poluição do ar proveniente dos veículos a motor
- Convenção internacional relativa à protecção dos trabalhadores contra os riscos profissionais devidos à poluição do ar, ao ruído e às vibrações nos locais de trabalho

PORTO EDITORA ou na Internet em Webboom.pt

À venda nas melhores livrarias do País e nos livreiros aconselhados PORTO EDITORA.
Se não os encontrar, adquira-os directamente na

Publicidade

Ecologia Profunda
– Dar Prioridade à Natureza na Nossa Vida

Este livro explora as influências filosóficas, psicológicas e sociológicas que alimentam hoje as perspectivas de defesa do ambiente e respectivos movimentos em todo o mundo. Constitui um apelo às pessoas para que desenvolvam a consciência ecológica e a maturidade psicológica e apresenta sugestões específicas de acção directa que podem ser postas em prática pelos cidadãos. A ecologia profunda está a revelar-se como uma forma de criar um novo equilíbrio e harmonia entre os indivíduos, as comunidades e a totalidade da Natureza. Ela é a dança de uma nova revelação do Ser.

Bill Devall e George Sessions: Uma nova filosofia para o nosso tempo, numa época de grandes catástrofes tecnológicas. 290 páginas, colecção Terra e Gente, € 18. ISBN 972-8870-01-9

Construir a Esperança
– Pessoas e Povos Desafiam a Globalização

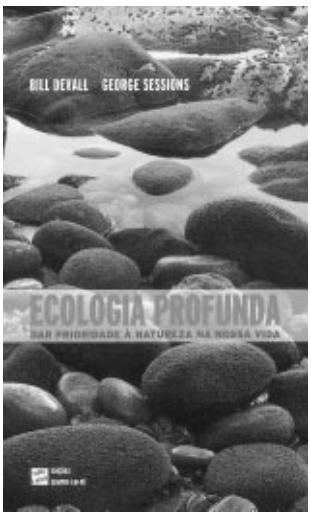
Esta obra destaca-se, por características próprias, na já vasta literatura sobre o fenómeno da globalização. Sem deixar de incluir algumas breves análises de carácter económico, social, ideológico e político, John Feffer e os seus dez colaboradores dão sobretudo voz à gente comum, numa extraordinária afirmação dos direitos da vida perante o ídolo sacrificador da mundialização. Perpassam por estas páginas pequenos camponeses das Honduras, trabalhadores migrantes dos Andes, pobres e idosos das cidades da Bósnia, madeireiros do Camboja, trabalhadores mexicanos do vestuário, activistas comunitários da Coreia, estudantes sensibilizados do Japão, e muitos outros. Na sua introdução, John Feffer explica resumidamente em que consiste a economia globalizada e os novos desafios que se levantam para dar resposta à concentração sem precedentes de poder por parte de certos países e das empresas globalizadoras.

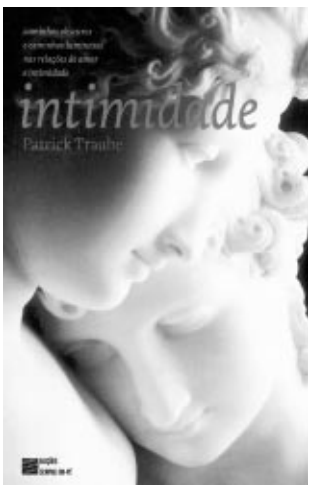
Coordenadado por John Feffer: compilação de 10 estudos de 11 autores. 151 páginas, colecção Vasto Mundo, € 10. ISBN 972-8870-02-7

Intimidade
– caminhos obscuros e caminhos luminosos nas relações de amor e intimidade

Como evitar os sofrimentos provocados por um amor desajeitado e como escapar às armadilhas da relação destruidora? Como amar sem sofrer (de mais), como estar próximo do outro sem nos ferirmos reciprocamente e como encontrar a «boa distância relacional»?
Guia prático redigido numa linguagem simples e concisa, ilustrado com exemplos retirados do quotidiano, este livro permitirá a todos encontrar as chaves de uma relação mais criadora, mais harmoniosa e mais saudável.
O Autor é psicólogo, psicoterapeuta e formador de adultos, nascido na Bélgica, onde exerce. É autor de cerca de 60 publicações, incluindo livros, artigos e outros contributos.

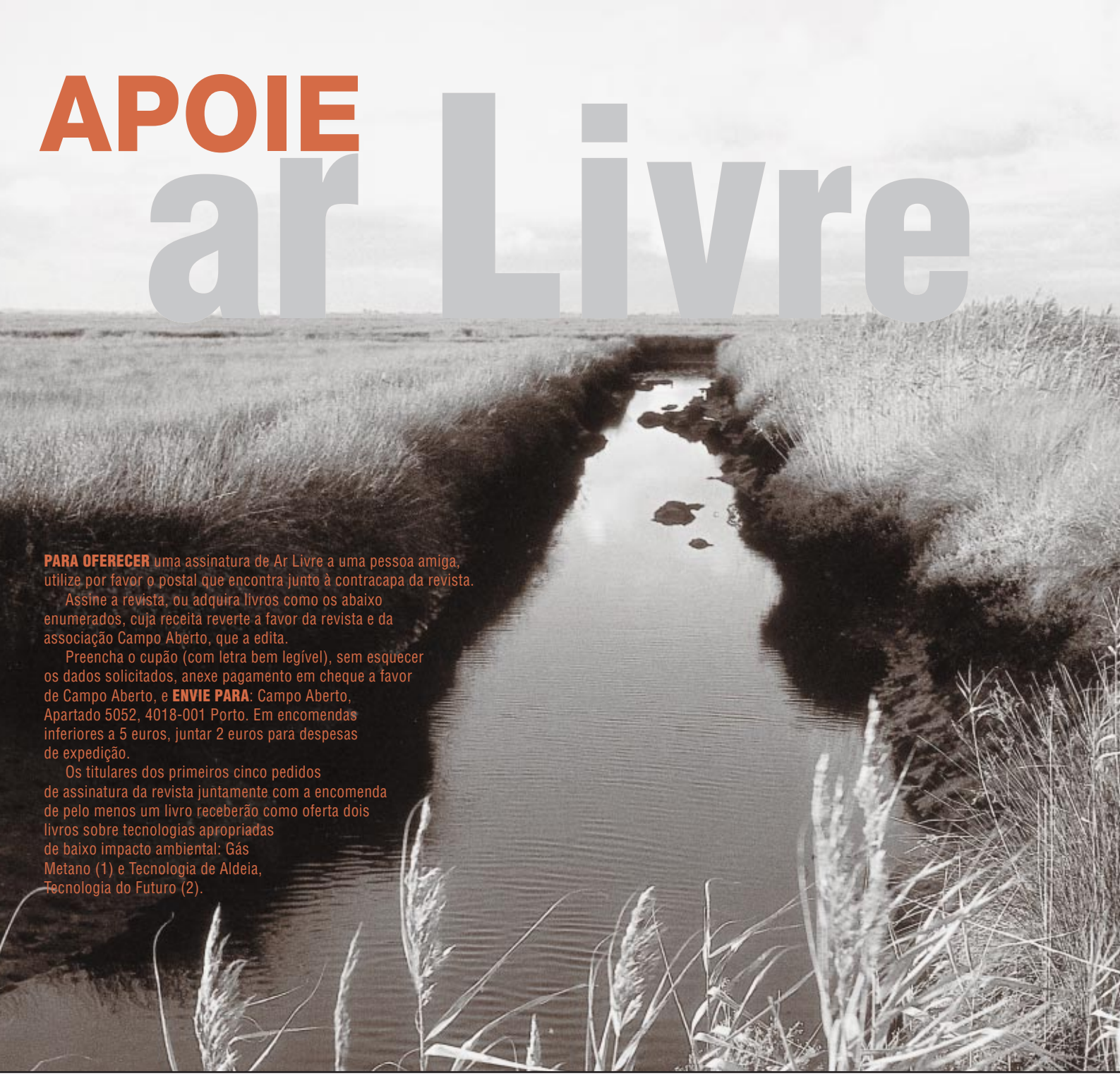
Patrick Traube. 85 páginas, colecção Pessoal Transmissível, € 8. ISBN 972-8870-00-0





• EDIÇÕES SEMPRE-EM-PÉ •
Rua Camilo Castelo Branco, n.º 70/52 – 4425-037 Águas Santas – Telefax 22 975 95 92
www.sempreempe.pt – contacto@semprempe.pt

APOIE ar Livre



PARA OFERECER uma assinatura de Ar Livre a uma pessoa amiga, utilize por favor o postal que encontra junto à contracapa da revista.

Assine a revista, ou adquira livros como os abaixo enumerados, cuja receita reverte a favor da revista e da associação Campo Aberto, que a edita.

Preencha o cupão (com letra bem legível), sem esquecer os dados solicitados, anexe pagamento em cheque a favor de Campo Aberto, e **ENVIE PARA**: Campo Aberto, Apartado 5052, 4018-001 Porto. Em encomendas inferiores a 5 euros, juntar 2 euros para despesas de expedição.

Os titulares dos primeiros cinco pedidos de assinatura da revista juntamente com a encomenda de pelo menos um livro receberão como oferta dois livros sobre tecnologias apropriadas de baixo impacto ambiental: Gás Metano (1) e Tecnologia de Aldeia, Tecnologia do Futuro (2).

QUEIRAM REGISTAR-ME COMO:

- ☐ novo assinante de Ar Livre
- ☐ assinante que renova a assinatura
- ☐ por 8 números (€ 17.00)
- ☐ por 4 números (€ 9.00)

ASSINALO ADIANTE OS LIVROS QUE ENCOMENDO, PELOS PREÇOS INDICADOS:

- ☐ *Alimentos Transgénicos, um guia para consumidores cautelosos.* Margarida Silva. (€ 5.00)
- ☐ *Floresta de Provérbios.* Manuela Delgado Leão Ramos. (€ 6.00)
- ☐ *Reflexões sobre Ecomuseologia.* Fernando Santos Pessoa. (€ 6.00)
- ☐ *As Constituições Democráticas do Terceiro Milénio.* Jean Pignero. (€ 9.00)
- ☐ *O Jardim de Babilónia.* Bernard Charbonneau. (€ 9,50)
- ☐ *Um atentado à saúde pública; os exames radiológicos sistemáticos.* Jean Pignero. (€ 5.00)
- ☐ *Inteligência ou Subserviência Nacional? Crise do ambiente, crise de energia, crise da sociedade. Alternativas.* J.J. Delgado Domingos. (€ 5.00)
- ☐ *Inteligência ou Subserviência Nacional? O absurdo duma opção nuclear.* J.J. Delgado Domingos. (€ 5.00)
- ☐ *Sobre o Antagonismo Cidade-Campo. Manifesto por um Renascimento Rural.* Vários autores. (€ 2,50)
- ☐ *O Direito à Diferença.* A. Carvalho, I. Illich, A. Cautela. (€ 2,50)
- ☐ *A Industrialização da Agricultura, Salvação ou Suicídio da Humanidade?* Claude Aubert. (€ 2,50)
- ☐ *À Sombra de Árvores com História.* Paulo V. Araújo, Maria P. Carvalho, Manuel D. L. Ramos. (€ 15,00)
- NOVO › ☐ *Ecologia Profunda.* Bill Devall e George Sessions. (€ 18,00)
- NOVO › ☐ *Construir a Esperança.* John Feffer. (€ 10,00)

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

_____

_____

LOCALIDADE: _____

CÓDIGO POSTAL: _____

TELEFONE: _____

FAX: _____

EMAIL: _____

ANEXO CHEQUE N° / VALE N° _____

DO BANCO: _____

NO VALOR DE: _____

DATA E ASSINATURA: _____

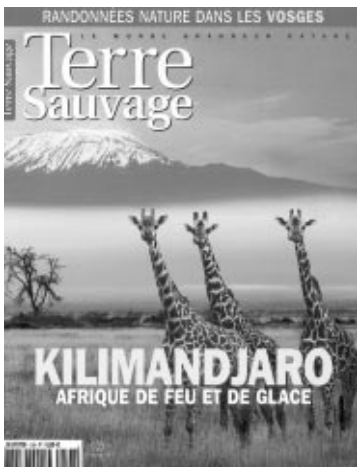
Viajar sem sair de casa

Para quê gastar dinheiro em viagens e poluir (mais) o ambiente quando se pode viajar sem sair de casa lendo ***Terre Sauvage***?

Fazendo lembrar as célebres National Geographic e GEO, mas mais alegre e com posição declarada a favor da defesa da Natureza, ***Terre Sauvage*** é certamente uma das mais belas revistas no domínio da natureza e das viagens.

Dois números recentes, o de Setembro de 2004 e o de Janeiro de 2005, por exemplo, transportam-nos, logo na capa, ao Kilimandjaro, no Quénia, a uma África de fogo e gelo, e à Austrália, ao coração dos parques nacionais australianos e a uma natureza fascinante. Fotografias magníficas de página dupla, notícias e informações, entrevistas interessantíssimas como, no número de Janeiro de 2005, com Marie-Lazarine Poulle sobre lobos, raposas e outros mamíferos mal amados, intinerários de passeios e percursos, são cerca de 120 páginas recheadas de motivos de interesse em cada número. À venda em Portugal em alguns quiosques.

Contactos: www.terre-sauvage.com – Terre Sauvage, Bayard Nature et Territoire, B.P. 308, 73377 Le Bourget-du-Lac Cedex, França – Assinaturas: Terre Sauvage, TSA 10518, 59063 Roubaix Cedex 1, França. Assinatura anual (11 números) 45,80 euros.



Soluções para Sermonde

No final de 2004, a PINUS, associação de defesa do ambiente de Sermonde e Serzedo (Gaia), promoveu, de colaboração com a Assembleia de Freguesia de Sermonde, um debate sobre o aterro de Sermonde e a problemática dos resíduos.

Nesse debate, e tendo em conta que o aterro de Sermonde atingirá a saturação em 2006, concluiu-se pela necessidade de ser desde já efectuado um projecto de encerramento e monitorização do Aterro e pela urgência de definir uma solução ambientalmente e economicamente sustentável. Foi igualmente rejeitada no debate a inicineração como solução, tendo sido apontada como alternativa mais correcta uma infra-estrutura de tratamento mecânico e biológico.

Contactos: Pinus
Rua de Sermonde, 126
Edifício da Junta de Freguesia
4415 Sermonde
tel. 227 649 441

AMIGOS DOS AÇORES

Publicações

Património Espeleológico de S. Miguel
[€10,00]

Lagoas de S. Miguel
[€12,50]

Pedidos, acompanhados de cheque ou vale postal, para:

Amigos dos Açores
Apartado 29 – 9500 Ponta Delgada
Tel.: 296 498 774 – Fax: 296 498 770

BRAGATEL

A Bragatel, operador de telecomunicações, hospeda a página electrónica da Campo Aberto

Av. 31 de Janeiro, 177
4710-052 Braga
mail@bragatel.pt
www.bragatel.pt

ASSOCIAÇÃO DE REFLEXOLOGIA PORTUGAL

Membro da RiEN [Reflexology in Europe Network]

Objectivos da AR Portugal:
- Divulgação da Reflexologia como terapia complementar
- Acreditação de terapeutas
- Formação de terapeutas

Para mais informações contacte-nos:
Rua Arq. Marques da Silva, nº 285 - 4º Ctr
4150-484 Porto
Tel. 226 000 679
info@reflexologia.org

a paz é uma construção

N° 1 Primavera de 2005

Iniciamos com este número de Ar Livre esta rubrica, que esperamos inserir em todos os números. Retomamos para ela como título o do artigo de Manuela Bio Lourenço publicado no n.° 2 desta revista.

ABOLITION 2000 EUROPE

Está a desenvolver-se a rede Abolition 2000 Europe, que se esforça por convencer os governos europeus a assumirem um papel de liderança para uma convenção de abolição das armas nucleares. A rede envolve pessoas e organizações de defesa do ambiente, dos direitos humanos e do desarmamento. Existem já contactos desta rede na Bélgica, Finlândia, França, Alemanha, Itália, Países Baixos, Noruega, Suécia e Reino Unido. Portugal tem tido uma posição conservadora nesta matéria, votando frequentemente nas instâncias internacionais pela manutenção do status quo.

VER: http://www.abolition2000europe.org

SECRETARIADO: For Mother Earth, K. Maria Hendrikaplein, 5, 9000 Gent, Bélgica, tel. + 32-9-242 8752 ou 04, fax +32-9-242 8751.

AMBIENTE, PAZ E NÃO-VIOLÊNCIA

Um seminário sobre as relações entre a defesa do ambiente e da natureza e a construção da paz numa perspectiva não-violenta está a começar a ser preparado em conjunto pela associação Campo Aberto e pelo núcleo do Porto do Grupo Gaia.

Pretende-se que outros grupos ou associações interessados venham a participar na organização.

O seminário decorrerá na região do Porto e terá a duração de um dia (ou, eventualmente, de um fim-de-semana) e pretende debruçar-se sobre as possibilidades de desenvolver em Portugal a filosofia e a prática da não-violência, retomando uma linha de trabalho que entre nós se exprimiu, individualmente, através de pessoas como Manuela Bio Lourenço, Helena Santos, Jorge Leandro Rosa, Luís Lopes e outros e, no plano organizativo, pelos Amigos da Arca e pela Associação Livre de Objectoras e Objectores de Consciência e alguns mais.

CONTACTO: campo_aberto@oninet.pt

AS ARMAS NUCLEARES TÊM QUE DESAPARECER

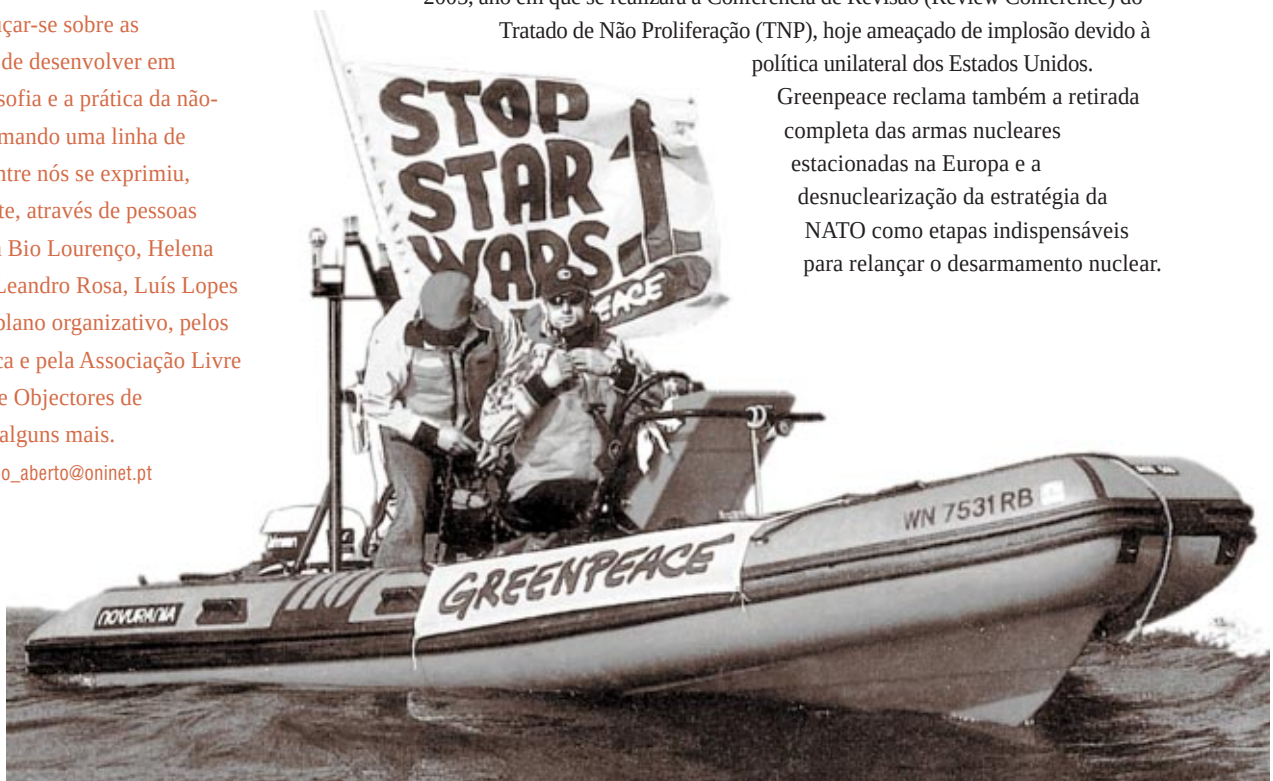
De há três anos para cá, muito se fala e muito se mente a propósito das armas de destruição maciça, incluindo as armas nucleares.

Sem dúvida, é importante evitar a proliferação dessas, e de outras, armas. Mas é preciso não esquecer que os maiores arsenais dessas armas estão na posse de países como os Estados Unidos, a Inglaterra, a França, a Rússia, a China, Israel... que, fazendo grande alarido contra o terrorismo, parecem julgar que lhes assiste o direito ilimitado de possuir e de usar essas armas, direito esse que não assistiria aos restantes países.

Obviamente, nenhum país tem o direito moral de usar tais armas. Mas se os países mais ricos e mais poderosos do mundo querem de facto evitar a proliferação e o uso de armas de destruição maciça, inclusive nucleares, devem começar por dar o exemplo renunciando gradualmente, à medida que exigem também dos restantes países a mesma renúncia, à posse e utilização de quaisquer armas de destruição maciça.

Nesse sentido, a organização Greenpeace chama a atenção para o ano de 2005, ano em que se realizará a Conferência de Revisão (Review Conference) do Tratado de Não Proliferação (TNP), hoje ameaçado de implosão devido à política unilateral dos Estados Unidos.

Greenpeace reclama também a retirada completa das armas nucleares estacionadas na Europa e a desnuclearização da estratégia da NATO como etapas indispensáveis para relançar o desarmamento nuclear.



REACH
e as loucuras da indústria química

A humanidade vive uma crise sem precedentes em matéria de substâncias químicas. A produção mundial dessas substâncias passou de um milhão de toneladas em 1930 para mais de 400 milhões de toneladas actualmente. Numerosas análises científicas indicam que algumas dessas substâncias se acumulam no ambiente, alcançando mesmo as regiões polares e alpinas, e acumulam-se também no nosso próprio corpo, no sangue e no leite materno, por exemplo, e no fígado e noutros órgãos, em concentrações elevadas. A toxicidade de muitas dessas substâncias é ainda desconhecida, mas de outras sabe-se que são responsáveis pelos factos seguintes:

- em 20 anos, aumentou em 15 por cento o número de crianças alérgicas;
- em média, o esperma de um homem ocidental actual contém cerca de 50 por cento menos espermatozóides que o do pai ou do avô quando tinham a mesma idade;
- entre 2 e 5 por cento dos nascimentos de sexo masculino no Ocidente são acompanhados de defeitos dos testículos;
- o cancro aumentou em França em 63 por cento em 20 anos, sendo que de 7 a 20 por cento dos casos se deveriam à poluição do ambiente.

A Europa é o primeiro produtor mundial de substâncias químicas, mas não existe legislação rigorosa nesta matéria. É por isso que a União Europeia desencadeou um processo de revisão da sua legislação no domínio da química, no âmbito de um vasto e ambicioso projecto designado por REACH. De acordo com esse programa, as substâncias químicas passariam a estar sujeitas a um registo e a uma avaliação de risco antes de receberem autorização para serem comercializadas.

O REACH desencadeou, sem surpresa, a fúria da indústria química, apoiada por alguns chefes de Estado europeus, nomeadamente Alemanha e França, e pelos Estados Unidos. Foi o maior ataque de sempre de um lóbi a uma proposta de lei europeia. Os argumentos utilizados pela indústria (custos excessivos, perda de postos de trabalho), no entanto, revelaram-se incorrectos. Pelo contrário, os benefícios em termos de saúde pública são seguros. Mas isso não impediu que a proposta fosse mitigada até se tornar irreconhecível, por forma a satisfazer os desejos da indústria química.

Greenpeace faz campanha para revigorar a legislação a aprovar, defendendo que o princípio de substituição (substituição sistemática das substâncias perigosas por alternativas menos nocivas, quando existem a custos comparáveis) seja integrado no REACH.

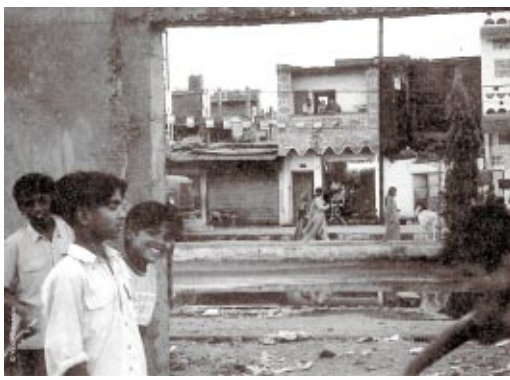
MAIS INFORMAÇÕES NESTA PÁGINA (EM FRANCÊS): http://reachfr/greenpeace.be

▲ Greenpeace alerta para os perigos das substâncias químicas nocivas e faz campanha por um controlo ambiental rigoroso da respectiva indústria.

BHOPAL PROFUNDA INJUSTIÇA

Se exceptuarmos o acidente nuclear de Chernobil, a tragédia de Bhopal foi a maior catástrofe industrial até hoje. Aconteceu em 1984, fez 20 anos em 2 de Dezembro passado.

E no entanto, passados vinte anos, a palavra Bhopal é ainda sinónimo de profunda injustiça. Em Bhopal, na Índia, na noite de 2 para 3 de Dezembro de 2004, milhares de pessoas morreram, enquanto várias centenas de milhares contraíam doenças crónicas que comprometiam o seu futuro e o da família.



▲ Vinte anos depois da tragédia, continua a morrer-se em Bhopal devido às consequências das negligências da indústria química. As crianças brincam em locais não descontaminados.

Até hoje, o local da então Union Carbide, a fábrica de pesticidas de onde se escapou a nuvem tóxica que causou a tragédia, não foi descontaminado. Por isso, as populações vizinhas são obrigadas a viver num ambiente poluído, onde as crianças brincam entre sacos de produtos tóxicos. Em 1999, a organização Greenpeace elaborou um inventário toxicológico do local, cujos resultados foram publicados e por várias vezes entregues à empresa Dow Chemical, actual proprietária da Union Carbide. ▸▸

BHOPAL PROFUNDA INJUSTIÇA

[continuação]

No entanto, e apesar dos referidos estudos revelarem a presença de metais pesados, de DDT, de organoclorados e de outros poluentes, essa gigantesca empresa química, a Dow Chemical, continua a recusar-se a assumir a responsabilidade industrial da catástrofe. Bhopal é o exemplo desolador das falhas que existem na legislação internacional em matéria de responsabilidade industrial. Apesar dos belos princípios do «poluidor pagador», a verdade é que neste caso, como infelizmente noutros, o poluidor se recusa a pagar e as autoridades públicas nada fazem ou conseguem fazer para que ele pague. Nem a descontaminação do local, nem indemnização decente das vítimas. Impõe-se, como constantemente defende a Greenpeace, a entrada urgente em vigor de regulamentação internacional em matéria de responsabilidade industrial.

°°°

WANGARI MAATHAI
Prémio Nobel da Paz para a ecologia e para as árvores

Em Outubro de 2004, foi atribuído o Prémio Nobel da Paz à queniana Wangari Maathai. Muitos interpretaram que, através dela, era também o activismo ecológico a ser premiado. Wangari esteve na origem do Movimento Cintura Verde (Green Belt Movement), ao qual se deve o plantio de mais de 20 milhões de árvores no Quénia a partir de 1977.

Durante o regime do ex-presidente Daniel Arap Moi, Wangari foi perseguida, presa e denegrida, tendo várias vezes sido objecto de campanhas para a sua libertação por parte da Amnistia Internacional. A intervenção de Wangari, embora centrada na questão ecológica e no papel da mulher queniana como agente do seu próprio desenvolvimento, incidiu igualmente sobre os direitos humanos, civis e políticos e a luta por uma melhor governação. Com o fim do regime de Daniel Moi, Maathai foi eleita para o parlamento do Quénia em Dezembro de 2002, pelo partido verde queniano, na primeira eleição livre desde há décadas. Em Janeiro de 2003, foi nomeada ministra-adjunta do ambiente. Ao agradecer a atribuição do Nobel, a laureada salientou o forte nexo que existe entre a luta pela paz e a ecologia, esse outro nome da paz.

Em Maio/Junho de 2004, a revista World.Watch, editada pelo bem conhecido Worlwatch Institute, fundado por Lester Brown, publicava uma entrevista com a futura laureada, já então distinguida com numerosos prémios, entre os quais o da Right Livelihood Foundation, habitualmente referida nas páginas de Ar Livre. Nessa entrevista, Wangari referiu-se assim ao Movimento Cintura Verde: «Uma das coisas mais maravilhosas que fizemos foi ajudar as pessoas comuns a tornarem-se produtores de viveiros de árvores. Chamamos a essas pessoas silvicultores sem diploma. O nosso principal objectivo era tentar que as pessoas compreendessem a ligação que existe entre a boa governação e a conservação – como um ambiente bem gerido ajuda a manter uma boa qualidade de vida. Foi esse o resultado da campanha de plantação de árvores. Criámos um movimento que não só agia para salvaguardar o ambiente mas que também remetia para a responsabilidade que temos, como cidadãos, de mudar o governo.»

▲ Sanjay (à esquerda) e Rani, dois dos jovens órfãos de Bhopal que animam a associação Vozes de Bhopal.

Num artigo escrito para a revista Resurgence (n.° 227, Nov-Dez de 2004), W. Maathai realça a importância da dimensão cultural na luta pela regeneração do ambiente: «...no decurso das lutas para realizar a missão e a visão do Movimento Cintura Verde, demo-nos conta de que as comunidades tinham perdido certos aspectos da sua cultura que tinham de facto até então facilitado a conservação desse ambiente tão belo que os primeiros exploradores e missionários registaram nos seus diários e livros.» Nessa perspectiva, defende que o renascimento cultural é a única coisa que se interpõe entre a conservação e a destruição do ambiente, e a única maneira de perpetuar o conhecimento e a sabedoria herdados do passado, e necessários para a sobrevivência das gerações futuras.

«A libertação cultural apenas acontecerá quando a mente das pessoas se libertar e elas se puderem proteger a si próprias em relação ao colonialismo da mente. Só esse tipo de liberdade lhes permitirá reivindicar a sua identidade, respeito próprio e destino. Somente quando as comunidades recuperarem os aspectos positivos, poderão as pessoas voltar a aprender a amarem-se a si mesmas e aquilo que é seu. Somente então irão de facto apreciar o seu país e a necessidade de proteger a sua beleza e riqueza naturais. E somente então terão a compreensão do futuro e das gerações futuras.»

Wangari Maathai

A VISITAR: www.greenbeltmovement.org

BHOPAL PROFUNDA INJUSTIÇA

[continuação]

A associação ***Vozes de Bhopal*** *(Bhopal Ki Awaz)* agrupa «18 órfãos de Bhopal» oficialmente reconhecidos. São algumas das crianças, hoje jovens de 20 anos, que escaparam vivas entre as muitas que morreram devido à fuga de gases tóxicos de 1984. Reúnem-se periodicamente, procurando chamar a atenção dos poderes públicos indianos sobre a sua precária situação. Iniciando uma greve da sede, testemunhando o pesadelo vivido pelos pais falecidos, contanto o seu quotidiano marcado pela tragédia, prosseguem o testemunho das vítimas adultas; nos seus 20 anos, a idade de uma catástrofe, reflecte-se uma reivindicação e a esperança de uma vida normalizada.

PARA MAIS INFORMAÇÕES:

http://www.bhopal.net

ECO-CASA

Integrado na Terra Sã, a maior feira portuguesa de agricultura biológica e alternativas ecológicas, decorreu no Centro de Congressos de Lisboa (ex-FIL), a 10, 11 e 12 de Dezembro de 2004, o projecto Eco-Casa.

A realização esteve a cargo de Plano B Arquitectura (Rua Newton, 1-2.° Dto, 1170-275 Lisboa, www.planob.com) e dos arquitectos Eduardo Carvalho, Francisco Freire e Luís Gama.

Foi proposto um edifício de madeira, no qual a eco-casa é uma passagem, formalizada através de um túnel de madeira, onde estão impressos textos relacionados com o tema. Esse túnel garante a continuidade de um percurso de sensibilização ambiental e permite também observar e aceder a um pátio, disponível para ser utilizado em diversas situações. Formalmente, esta eco-casa é um vazio, sem função particular ou objectivo pedagógico. Debates com convidados e com o público preencheram essas outras funções.

Contacto: Plano b arquitectura
Rua Newton, nº1 – 2.° Dto – 1170-275 Lisboa
www.planob.com

O último número de uma grande revista

COMBAT NATURE TERMINA A SUA PUBLICAÇÃO

Capa da Revista Combat Nature

Em Novembro de 2004 cessou a sua publicação, com o n.° 147, a revista francesa ***Combat Nature***, que foi durante 34 anos testemunha activa do movimento ecológico e pela conservação da Natureza em França e no Mundo, e a que nos referimos algumas vezes em Ar Livre. A colecção desta revista constitui um riquíssimo arquivo da acção e pensamento ecológicos de um movimento que irradiou em muitos outros países da Europa e que foi pioneiro em muitos domínios. Basta referir que, ao contrário do que alguns supõem, não foi na Alemanha que surgiu pela primeira vez ao nível político a intervenção da ecologia, mas sim em França, com a candidatura de René Dumont às eleições presidenciais de 1973.

Sempre animada e impulsionada por Alain de Swarte, a revista começou por chamar-se *Maisons e Paysages* (Casas e Paisagens) e tinha por orientação redaccional a defesa de uma civilização humana para o mundo rural. Em 1973, a revista adoptou uma orientação muito mais ampla, englobando todas as questões do ambiente, e acrescentou ao seu título Natureza e Ambiente (*Nature et Environnement*). O que era explicado desta forma: «A reflexão e a acção levaram-nos a comprovar que era impossível limitar as nossas preocupações apenas às «poluições estéticas» que dia a dia destroem o nosso ambiente. A poluição da água e do ar, a destruição de sítios naturais, de florestas e de certas espécies animais constituem um golpe grave e talvez mortal ao nosso equilíbrio ecológico, ou seja, a tudo aquilo que permite ao homem viver.»

Mais tarde, *Maisons e Paysages* juntava-se à equipa da revista *Mieux Vivre* (Viver Melhor), e é então que, a partir de Março de 1974, surge o título ***Combat Nature*** (Combate pela Natureza). O objectivo da revista é então assim definido: «Boa gente, dizem-nos, continuem a produzir mais, cada vez mais e encontrareis a felicidade! Mas nós pensamos que os «economistas» e os «especialistas» que dirigem o mundo acabam de mostrar a sua incapacidade. Porque, afinal, esse famoso petróleo, não nos recomenda a sabedoria que o economizemos em vez de o delapidar?» (Estava-se então em pleno auge da primeira grande crise petrolífera.)

De 1974 a 2004, a revista repercute tudo o que se passa no rico movimento associativo francês de luta pela natureza e pela ecologia. Entretanto, as dificuldades do mundo associativo, inclusive a nível financeiro, que se revelam sobretudo a partir de meados dos anos 1990, vão pouco a pouco corroendo a base de sustentação desta revista. Por outro lado, Alain de Swarte pretende retirar-se e não encontra quem retome a seu cargo a publicação. Os seus 78 anos e o agravamento dos problemas financeiros decidem-no finalmente a pôr termo à publicação. No entanto, a federação France Nature Environnement tem em estudo a possibilidade de retomar o título, com o acordo do próprio Alain de Swarte (France Nature Environnement, 6, rue Dupanloup, F - 45000 Orléans, fax + 0238625473, communication@fne.asso.fr).

Quinze anos de combate de um parlamentar europeu

Após 15 anos de intensa actividade parlamentar, o deputado ecologista do Parlamento Europeu, Paul Lannoye, abandonou o seu lugar de deputado. Não faz já parte da nova câmara que iniciou a sua actividade em Setembro de 2004. Nesta entrevista, faz um balanço da sua actividade parlamentar, recapitulando alguns aspectos das grandes questões que abordou e fez avançar, no domínio da saúde e do ambiente.

Entrevista com Paul Lannoye

▲ Paul Lannoye

Yves Rasir: Com o grupo dos Verdes Europeus, Paul Lannoye conduziu um combate cerrado contra os transgénicos (ou organismos geneticamente modificados: OGM). O fim da moratória europeia é apenas uma batalha perdida ou uma derrota fatal?

Paul Lannoye: É preciso ver primeiro os antecedentes. Cheguei ao Parlamento Europeu em 1989, no momento em que o Parlamento teve que analisar as primeiras propostas de regulamentos neste domínio. Na época, havia um a priori muito favorável em relação às biotecnologias, que iam, dizia a Comissão Europeia, gerar milhares de milhões de ecus [a moeda europeia contabilística da época] de investimentos e milhões de postos de trabalho. O debate acendeu-se em 1996 com os primeiros pedidos de autorização de OGM. Nós batemo-nos, e obtivemos nomeadamente que todos os produtos provenientes de OGM fossem obrigados a serem rotulados como OGM. Essa legislação sobre a rotulagem e a rastreabilidade é um progresso enorme, mesmo que não nos satisfaça inteiramente. Quanto ao levantamento da moratória, é uma decisão que considero obviamente escandalosa. Mas ela respeita apenas à importação de alimentos. Isso não significa que se vão aceitar as sementes e as culturas transgénicas na Europa. Graças à rotulagem, o consumidor conserva também a capacidade de fazer fracassar comercialmente os organismos geneticamente modificados. Tenho esperança que a moratória política se torne assim uma moratória de facto no plano económico. Em quinze anos, passámos assim de uma situação muito favorável aos OGM a uma situação em que é ainda possível ganhar. Não é mau de todo!

Yves Rasir: Você foi também muito combativo na questão dos pesticidas. Qual é hoje a situação?

Paul Lannoye: Nessa matéria, tivemos em 1991 uma directiva [instrumento legislativo europeu que exige transposição para o direito nacional por parte de cada Estado-Membro] que não era propriamente má. Era mesmo boa porque acabava com a confusão e porque previa a elaboração de uma lista positiva única de pesticidas autorizados. O problema foi que essa directiva foi sabotada pelos governos, sujeitos sem dúvida às pressões ocultas da indústria química: dos 834 pesticidas autorizados na época, só uns cinquenta foram avaliados! Na realidade, a situação praticamente não evoluiu: continuam no mercado substâncias de temíveis efeitos para o ambiente e para a saúde humana. Há dois anos, abalámos a paz podre dizendo que era necessário acelerar o ritmo e introduzir novos critérios de avaliação. A Comissão parece ter compreendido a mensagem e as mentalidades evoluíram consideravelmente: hoje existe uma maioria no Parlamento Europeu que pensa que é necessário livrarmo-nos dos pesticidas ainda utilizados. Por outro lado, a agricultura biológica passou a ser reconhecida a nível europeu, o que também não era o caso no final dos anos 1980. »

Esta entrevista foi traduzida de **Bioinfo, magazine belge du mieux-vivre** (n.° 45, 15 de Junho de 2004; 29, av. Brugman, 1060 Bruxelas, Bélgica, bioinfo@skynet.be) com a amável autorização do entrevistador, Yves Rasir.

Yves Rasir: O reconhecimento da agricultura biológica: mais uma vitória pessoal?

Paul Lannoye: Foi o Grupo dos Verdes que se mobilizou para se conseguir instituir a legislação europeia de 1993 sobre os produtos vegetais. Pessoalmente, tive papel activo na vertente das produções animais. Com as associações de agricultura biológica, batemo-nos para que essa segunda parte da regulamentação fosse tão rigorosa como a primeira. A legislação não é genial mas tem o mérito de existir. A situação da agricultura biológica na Europa é boa mas é necessário permanecer vigilante para que se não degrade.

Yves Rasir: E as abelhas, que podem elas esperar a curto prazo?

Paul Lannoye: Voltei recentemente a intervir para que os dois pesticidas incriminados pelos apicultores [como responsáveis pela mortandade dos enxames] sejam avaliados prioritariamente. Existem de facto suficientes elementos de acusação para que nos possamos voltar a interrogar sobre a oportunidade de manter no mercado essas substâncias tóxicas. Mas a Comissão responde à toa, tergiversa, está-se nas tintas. Entre os tecnocratas europeus, a religião cientista e a ideologia do comércio livre pesam bem mais que a sorte das abelhas...

Yves Rasir: A sua perspectiva é igualmente severa sobre a reforma da política agrícola comum?

Paul Lannoye: Não sou tão negativo como algumas pessoas sobre a reforma da PAC. Foi dado um passo importante com a supressão da ligação entre os subsídios e a produção. Se se transferir uma boa parte dos meios financeiros disponíveis para o desenvolvimento rural baseado em critérios de qualidade dos produtos e de protecção dos ecossistemas, isso pode ser muito positivo. Tudo irá depender das opções orçamentais futuras. Penso sobretudo que caberá à Organização Mundial do Comércio bater-se contra o modelo agrícola americano. Podemos sempre esperar que a nova Comissão saiba mostrar a coragem necessária. No Parlamento, destacámos que existe uma cooperação cada vez mais forte entre agricultores do mundo inteiro. Uma associação como Via Campesina agrupa camponeses do hemisfério Sul e do Norte do planeta que partilham uma mesma concepção da agricultura: uma agricultura camponesa de fracas entradas químicas e energéticas, uma agricultura ecologicamente sustentável. Continuamos a ser minoritários na defesa desse ponto de vista mas sente-se que uma boa parte dos eleitos europeus é sensível a esse discurso. Potencialmente, a reforma da PAC permite romper com a lógica produtivista. Será necessário ir mais longe, suprimindo todas as ajudas à exportação, dando como contrapartida o direito de restabelecer nas fronteiras mecanismos de protecção baseados em critérios sociais e ambientais. Essa batalha está longe de estar ganha, mas também não está antecipadamente perdida.

Yves Rasir: Outro sector em que você contribuiu para quebrar a lei do silêncio foi a irradiação [com base na radioactividade nuclear] dos alimentos. Em que ponto estamos nesse aspecto?

Paul Lannoye: Também nesse caso, cheguei ao Parlamento no momento em que a Comissão Europeia tentava com toda a força promover essa tecnologia, com base em relatórios da Organização Mundial de Saúde que eram tranquilizadores mas completamente enviesados. Desde 1989, com os meus colegas alemães, conseguimos travar essa mecânica. Conseguimos uma espécie de moratória e a limitação da irradiação dos alimentos às especiarias e condimentos. O problema é que os Estados podem autorizar o que já tinham autorizado a nível nacional, por exemplo o tratamento da batata ou do morango. E quanto à rotulagem não se chegou a nada porque os controlos são inoperantes. Nunca vi produtos rotulados como «irradiados», quando se sabe que existem para além das especiarias!

Yves Rasir: A propósito de nuclear: a oposição dos ecologistas a essa forma de energia teve algum impacto a nível europeu?

Paul Lannoye: Três anos após Chernobil, foi mesmo assim preciso batermo-nos para exigir o encerramento dos reactores do mesmo tipo, nomeadamente na Bulgária. É preciso que se saiba que o lóbi nuclear está muito presente nos bastidores da Comissão, e que tem correias de transmissão poderosas no Parlamento. A chatice para eles é que um certo número de países (Grécia, Portugal, Dinamarca, Áustria...) nunca tiveram centrais nucleares e não as querem. E que países como a Suécia, a Alemanha e a Bélgica decidiram abandonar essa fileira. Exceptuando a França e a Finlândia, já não há muita gente para acreditar nessa forma de energia poluente, perigosa e ultrapassada. O nuclear, no entanto, está a regressar a pretexto da luta contra o efeito de estufa. É uma burrice monumental mas isso explica em parte que, hoje ainda, milhares de milhões de euros sejam devorados pela pesquisa sobre a fissão ou a fusão nuclear. Isso não impede que as energias renováveis tenham dado passos de gigante nos últimos quinze anos, por impulso do Parlamento e em especial graças ao trabalho dos Verdes Europeus. O facto de se terem fixado objectivos quantificados com um calendário de trabalhos vinculativo foi excelente para o desenvolvimento das energias alternativas.

Yves Rasir: É também um pouco graças a si que as eólicas estão a brotar como cogumelos e que os painéis solares se multiplicam nos telhados. Tem outros motivos de orgulho em matéria ambiental?

Paul Lannoye: Não estou particularmente orgulhoso, considero simplesmente que fiz o meu trabalho num contexto difícil pois é sempre preciso convencer o campo socialista ou o campo liberal – os outros, não vale a pena – que nos sigam para se constituir uma maioria. Em tudo o que diz respeito à protecção do ar e da água, contribuímos muito para melhorar os textos legislativos europeus. As directivas sobre a incineração, por exemplo, são bem melhores que os regulamentos em vigor na Bélgica na época. A directiva-quadro sobre a água vai obrigar os Estados-Membros a eliminar progressivamente toda uma série de poluentes, bastantes pesticidas entre outros. Não é pois uma vitória minúscula!

Yves Rasir: Para além de todas essas questões, você ficará como o eurodeputado que fez avançar a causa das medicinas suaves.

Paul Lannoye: Parti do facto que as situações nacionais eram muito divergentes no que se refere às medicinas não-convencionais. A osteopatia, por exemplo, é uma disciplina reconhecida nos países anglo-saxónicos ao passo que aqui na Bélgica os seus terapeutas são acusados de charlatães. Fiz portanto incidir o debate no terreno de uma necessária harmonização. Não fui secundado mas o meu relatório foi saudado nos quatro cantos da Europa e conduziu a iniciativas legislativas nacionais. Na Bélgica, fui abordado por um ministro da saúde que pôs em marcha o reconhecimento conjunto da homeopatia, da acupunctura, da quiropraxia e da osteopatia. Indirectamente, contribuí portanto para fazer avançar as coisas.

Yves Rasir: Dos seus quinze anos no Parlamento Europeu, ficam também os colóquios (sobre vacinas, sobre a sida, a poluição electromagnética...) que organizou e nos quais se exprimiram ideias muito perturbadoras para o establishment médico-científico. Que balanço faz dessas diversas iniciativas?

Paul Lannoye: O Parlamento não é apenas o lugar onde nos batemos em torno de resoluções e textos legislativos. É também uma extraordinária caixa de ressonância para lançar debates que se não verificam noutras instâncias. Foi assim que desde o início o concebi. Por isso provoquei o encontro, sobre diferentes assuntos, entre defensores das teses oficiais e os partidários de um pensamento dissidente. No que se refere às vacinas e à sida, o discurso dominante é de tal modo forte e culpabilizante para os que o não partilham que o mais importante era o evento em si mesmo. O tabu saltou fora e os adversários do establishment puderam fazer-se ouvir. Sobre as poluições electromagnéticas, as consequências concretas são mais evidentes: é um assunto hoje muito debatido quando ninguém falava dele há treze anos! A questão que me orgulho verdadeiramente de ter aberto é a das normas de radioprotecção. O perigo da radioactividade das fracas doses nem sempre é reconhecido mas convidámos a vir ao Parlamento cientistas críticos que conseguiram fazer-se ouvir. Chegámos a financiá-los para que se agrupassem e editassem um livro que chama a atenção para este escândalo: as normas de radioprotecção datam de uma época em que nem sequer se sabia o que era o DNA!

Yves Rasir: Após estas três legislaturas de duros combates, que vai fazer Paul Lannoye?

Paul Lannoye: Vou escrever e vou falar. Reencontrar o caminho dos auditórios e tirar partido do meu conhecimento de certas questões. Com o Grappe, um grupo de reflexão crítica sobre a evolução dos partidos ecologistas, vou também esforçar-me para que Écolo [o partido ecologista belga que fez recentemente parte da coligação governamental durante três anos] permaneça fiel ao seu ideal inicial: fazer política de maneira diferente.

dossiê Permacultura

a arte de colaborar com a natureza

por Nelson Avelar

1. Estufa
2. Painéis solares
3. Painéis de aquecimento de água
4. Tanques de recolha de água da chuva
5. Piscina biológica / Lago
6. Hortas / Jardim comestível
7. Pomares e corta vento
8. Bosquete
9. Torres eólicas
10. Incubadora/retiro de árvores e plantas em fase primária de desenvolvimento
11. Casa principal
12. Forno solar acoplado à cozinha
13. Garagem
14. Casa / Oficina
15. Vidraças para aquecimento/Iluminação solar passiva
16. Área de lazer
17. Casa de arrumos de materiais para o lago e hortas
18. Zona selvagem

Outras estruturas e funções:

- Composto
- ETAP (Estação de Tratamento de Água por Plantas)
- Canalizações separadas de águas cinzentas e águas pretas
- Barris de captação de água da chuva
- Raios solares (Inverno – actuam como reflector de luz e calor)
- "Mulches" (coberturas do solo)
- Estruturas para trepadeiras

Cuidar da Terra, Cuidar das Gentes

Planificar e Praticar na Perspectiva da Permacultura

Sociedade, Economia, Finanças e Mercado

Descendo ao Pormenor

cuidar da Terra cuidar das Gentes

Nunca se mudam as coisas atirando contra a realidade existente. Para mudar algo, é preciso construir um novo modelo, que torne obsoleto o modelo existente.

Buckminster Fuller

Até que ponto o ser humano tem o direito de tomar para si o controlo de toda a vida existente na terra?

É uma questão pertinente numa era em que assistimos a uma crescente degradação ambiental, nalguns casos de forma brutal, devida ao ímpeto de «crescimento» humano.

A resposta não é simples mas sim variada segundo diversas opiniões. Uns defendem que é evolução natural do ser humano controlar e comandar o destino do planeta e seus intervenientes. Outros, esmorecidamente, afirmam que nos desviamos do processo natural tentando controlá-lo e como consequência vamos pagar o preço por tal arrogância. Por outro lado, há quem defenda mais pacificamente que é tudo um jogo de atitudes momentâneas que, no espaço, parece ser controlado segundo os nossos interesses, mas que, no tempo, a Natureza como um todo será sempre quem tem a última palavra ou seja, nós humanos jamais teremos controlo absoluto sobre as forças universais.

Mas os factos existem, e não devem ser descurados relativamente à forma desgovernada como maioritariamente estamos a destruir a única «bola» que temos para viver e consequentemente a nós próprios.

Qualquer que seja a nossa atitude, ela tem impreterivelmente um impacte nos outros e no meio mesmo que o nosso raio de acção individual ou colectivo seja pequeno. Cada vez mais a ciência conclui que tudo está interligado numa complexa teia de acções e reacções quer à escala atómica – o muito pequeno – quer cósmica – o muito grande. Esta teoria cada vez mais clara na prática tem vindo a ser proclamada por alguns movimentos espirituais e filosóficos ancestrais, nomeadamente os de origem oriental. No ocidente, James Lovelock defendeu ideia semelhante na famosa Teoria de Gaia afirmando que a Terra é um organismo vivo que se auto-regula no sentido da preservação e evolução da vida nela existente. Carl Sagan, internacionalmente reconhecido e inspirado astrónomo, autor da série televisiva e também editada em livro «Cosmos», sobre a definição desta palavra escreveu: «*Cosmos é uma palavra de origem grega que significa ‹ordem universal›. É, num certo sentido, o oposto a caos. Implica uma profunda ligação de todas as coisas. Exprime a admiração pelo modo intrincado e subtil como tudo se encontra ligado no universo.*»

1. Diversas camas hortícolas em padrões curvos, com cobertura do solo, estruturas de apoio com materiais reciclados e aproveitando outras já existentes, como árvores, para ajudar na produção.
2. Morangos e alho francês em cama coberta. Alguns vasos enterrados são enchidos com água libertando esta gradualmente directamente nas raízes.

Não obstante estas teorias, a humanidade tem vindo a desenvolver conhecimentos e tecnologias, provocando alterações no meio ambiente mais do que qualquer outra espécie existente hoje ou no passado e fá-lo a um ritmo extremamente acelerado desde os últimos cem anos. A constante procura de inovações industriais e tecnológicas originou a economia de mercado tal como a conhecemos hoje com a lei da oferta e procura estruturada pela competitividade e especulação monetária. O objectivo último seria proporcionar um aumento da «qualidade de vida» ao ser humano mas tem-se vindo a demonstrar com o tempo que ela cria desequilíbrios de diversa ordem, originando tantos problemas como aqueles que tenta solucionar. ››

dossiê Permacultura

a arte de colaborar com a natureza

» **Começamos lentamente a aperceber-nos que o crescimento económico, tal como é hoje promovido, é proporcional à degradação ambiental,** pois as economias não conseguem crescer infinitamente segundo uma perspectiva de competitividade num planeta com recursos limitados e muitos deles não renováveis. Um olhar mais atento em nosso redor e para dentro de nós mesmos, sem ideias, ideais e interesses predefinidos e rígidos, leva-nos a concluir que a permanência deste modo de vida, tal como é actualmente, é insustentável.

Relembro que, para fazer este exercício de simples observação do estado do meio e de introspecção de nós próprios como indivíduos e como sociedade, é necessário que pelo menos durante alguns instantes nos libertemos dos nossos interesses pessoais e coloquemos o foco da nossa atenção no exterior, nos outros e nos recursos do planeta.

Se é um estudante afaste por alguns momentos o conhecimento académico-científico e observe; se é um religioso atenue a sua fé por breves instantes e observe; se é um comerciante deixe de querer vender a todo o custo e observe; se é construtor civil deixe de querer construir casas desalmadamente e observe; se é político não pense governar por momentos e observe; se é médico «respire fundo» e observe, etc. Com certeza que todos chegarão à mesma conclusão.

Deparamo-nos com graves problemas ambientais e estes são como uma pegada pesada e profunda numa lama de detritos poluentes, cuja marca, se solidificar, trará às gerações futuras o árduo fardo de enfrentar a sua resolução.

Os factos são mais que evidentes e estão bem à frente dos nossos olhos, narizes e ao alcance das nossas mãos. Os grandes suportes de vida na Terra começam a falhar e/ou a funcionar de uma forma errática e disfuncional. Espécies animais e vegetais extinguem-se, outras estão em risco acelerado de desaparecimento, algumas «emigram» nos evoluídos e rápidos sistemas de transporte para outras regiões do globo de onde não são naturais, causando distúrbios na cadeia biológica. Os pólos derretem a um nível elevado, agravado pelo aquecimento global e efeito de estufa e como uma das consequências o nível das águas sobe, as praias começam a perder as suas dunas e as cidades costeiras ficam ao nível do mar durante as chuvas torrenciais de inverno, a erosão costeira acelera; grandes quantidades de área florestal são destruídas para dar lugar a áreas de pasto ou monoculturas para exportação ou consumo interno inadequado; outras áreas naturais ardem todos os anos ao sabor dos interesses imobiliários e, como se descobriu mais recentemente, segundo alguns interesses do grande negócio do aluguer ou venda de equipamento de protecção civil. A replantação é tudo menos eficaz e apropriada, pois o antigo sobreiral ou carvalhal deu lugar ao eucalipto ou pinheiro cujas desvantagens ecológicas são bem conhecidas e proporcionais às vantagens económicas.

A qualidade das águas subterrâneas e dos rios encontra-se com níveis de poluentes preocupantes e em alguns lugares, durante a estação seca, a água começa mesmo a escassear. A qualidade dos alimentos é largamente inferior, do ponto de vista nutricional, comparativamente aos séculos passados. A lista podia continuar quase indefinidamente, apontando e resumindo factos reais a que todos nós assistimos dia a dia. E para agravar ainda mais, temos navios que se afundam com milhares de toneladas de crude, lixo nuclear no fundo oceânico, armamento enterrado no solo, testes nucleares e pesquisas em novos processos bélicos, etc.

Um novo paradigma de vivência na Terra terá de ser adoptado e, definitivamente, não será através da contínua espera de acções governamentais ou institucionais, mas sim através da pioneira atitude individual de cada um de nós face a uma vida mais equilibrada, sã e sustentável.

O conceito de sustentabilidade está hoje muito usado e gasto, os meios políticos usam o termo para vender o seu poderoso peixe inflacionado no preço pelos meios de comunicação social. A maioria de nós já não se apercebe do que realmente se quer dizer com *Sustentabilidade*. Do meu ponto de vista, e em associação com o tema deste artigo, **sustentabilidade** define-se como a **habilidade** de um indivíduo, família ou comunidade para providenciar o seu próprio sustento em harmonia com os recursos do meio.

3

4

Sustentabilidade é a habilidade para o sustento

Mas isto já não é o que todos fazemos? perguntará o leitor – trabalhando e obtendo o ganha-pão de diversas formas para poder adquirir o necessário (e o não necessário) para viver.

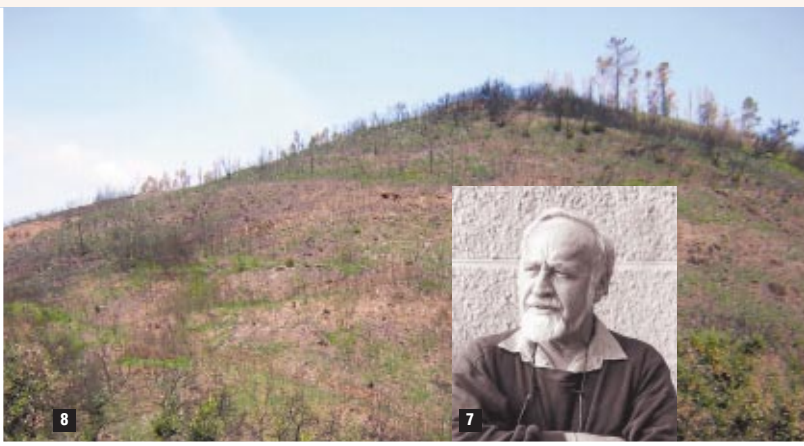
A resposta de um modo geral é **não**, principalmente nas sociedades ditas modernas e globalizadas, e a explicação é muito simples:

Numa economia globalizada tudo funciona à escala do grande e muito grande, sendo necessários, para a sua gestão, organismos e instituições à escala proporcional, com suas leis e processos democráticos e diplomáticos para que se consigam entender minimamente. Gerir esta complexa rede de conexões requer elevadíssimas somas energéticas – capital, mão-de-obra humana e todos os recursos naturais. Em sistemas desta envergadura o desperdício toma controlo e é superior ao ganho. O processo é negativamente competitivo, destrutivo, desintegrador e ineficaz, pois é baseado na especulação e aparências de valores duvidosos que invariavelmente provocam sistemas instáveis e *impermanentes*.

As actuais economias mundiais sofrem da doença «criada pelo vírus» da capitalização dos recursos planetários (energéticos, estruturais, humanos, etc.). Estes mesmos recursos não são mais que a fonte de tudo e obviamente de qualquer tipo de economia. No entanto, o âmago da questão na discussão política e social dos nossos dias parece ser exclusivamente a crise económica, quando de facto é a degradação do ambiente (incluindo o humano) que está na origem, e consequentemente todos os outros sectores de actividade, por efeito «dominó». Esta degradação crescente não é mais do que o resultado da insustentabilidade dos macrossistemas humanos modernos.

Não é por acaso que os principais governos mundiais e suas populações têm este assunto na sua agenda diária – temos perante nós o dilema do elevadíssimo preço a pagar pelo megalómano e *impermamente* desenvolvimento económico *versus* ambiental. Sabemos que neste universo de forças antagónicas mas complementares a mudança é a única constante e a relatividade o único factor absoluto. Como tal nada é *permanente*, tudo muda, a estagnação na realidade não existe, e perante este facto tudo tem uma implicação em qualquer outra coisa, mesmo o não fazer nada. Então, afinal se nada é permanente, o que é a **Permacultura** e porque se afirma ela como sendo um conjunto de soluções mais duráveis?

A resposta é mais simples do que a pergunta: porque a Natureza tem provado a sua permanência no tempo através da sua existência no espaço, regenerando-se, adaptando-se, sendo multifacetada e sinergeticamente biodiversificada. »



3. Mistura de plantas.
4. Hortas diversificadas.
5. Espiral de ervas aromáticas.
6. Lago elaborado com perímetro ondulado para maximizar o número de plantas em redor. O reflexo da luz solar na sua superfície cria um pequeno microclima que tem impacte no crescimento das bananeiras e abacateiros situados na foto do lado direito. A biodiversidade é grandemente aumentada pois a este vem beber pássaros que trazem sementes e insectos que polinizam.
7. Bill Mollison – criador do conceito de permacultura e de soluções práticas.
8. Encosta **não** florestada após incêndio (Serra de Monchique).

dossiê Permacultura
a arte de colaborar com a natureza

» A Permacultura imita ou assemelha-se aos sistemas naturais.

9 Encosta florestada após incêndio (Serra de Monchique).

Mas o que é **Permacultura**? Que definição podemos dar desta nova palavra?

A palavra original **Permaculture**© formou-se a partir da expressão inglesa **Permanent Agriculture (culture)** com o sentido de um sistema de planificação e criação de *habitats* humanos em harmonia com a Natureza.

O conceito foi desenvolvido na década de 1970 por Bill Mollison, cientista e mais tarde fervoroso ecologista australiano residente na Tasmânia, e por David Holmgreen, seu aluno, como resultado de uma busca para a criação de um novo paradigma de vivência humana ambientalmente sustentável capaz de diminuir, senão mesmo inverter, a destruição dos ecossistemas do planeta.

A permacultura surge como uma atitude de vida responsável, positiva e benéfica de um indivíduo e/ou comunidade perante o meio físico e social em que está inserido, visando a sustentabilidade ambiental, social, cultural e económica através de métodos de planificação e concretização apropriados, eficientes e produtivos, cujos padrões se assemelham ou imitam a Natureza, tornando-se assim mais permanentes no espaço e no tempo.

Inicialmente o raio de acção dos sistemas de Permacultura abrangia as áreas agrícolas/hortícolas ecológicas e a preservação e proliferação de florestas, para além de diversas técnicas para solucionar desafios de sobrevivência em diversas zonas do planeta, nomeadamente na gestão da água, alimentos, abrigo, energia, entre outros. Outros pioneiros anteriores a Bill Mollison demonstraram semelhantes processos alternativos e eficazes de convivência equilibrada do ser humano no ambiente, obtendo deste o seu alimento entre outros recursos, nomeadamente Masanobu Fukuoka no Japão com o seu processo de agricultura selvagem, Rudolph Steiner na Áustria e Alemanha com a Biodinâmica, Sepp e Veronika Holzer na Áustria e mais recentemente Emilia Hazelip, falecida em Fevereiro de 2003 na França, com a agricultura sinergética.

A eficácia demonstrada por muitos destes métodos convida a repensar e modificar processos, hábitos e costumes. Como »

a ética em acção
princípios da permacultura

- Assumir a responsabilidade
- Observar
- Partilhar
- Cooperar/Colaborar
- Trabalhar com a Natureza
- Mínimo esforço máximo efeito
- O problema é a solução
- Tudo germina
- A produção é ilimitada
- Planificar para a sustentabilidade local e mundial.
- Manter uma visão alargada do todo mas trabalhar localmente e correctamente tendo em conta a interligação existente entre todos os elementos intervenientes.
- Intervir na mais pequena porção de território obtendo deste o máximo efeito produtivo. (A definição de território pode ser um quintal, uma quinta, um bairro citadino, uma sala em nossas casas).
- Planear sistemas em pequena escala que sejam energeticamente eficientes e facilmente controláveis, ao invés de outros em larga escala e energeticamente consumidores e de mais difícil controlo.
- Aumentar a biodiversidade. Promover a policultura ao invés da monocultura. Os sistemas de policultura estabilizam os sistemas naturais e ajudam na eventualidade de mudanças ambientais, sociais e económicas. Este princípio aplica-se também à vantagem que são as sociedades multifacetadas em termos culturais, étnicos, raciais e ocupacionais. As Bio-Sociedades.
- Usar prioritariamente energias renováveis e, mesmo estas, usá-las de modo a reter o máximo dentro do sistema.
- Usar elementos que consumam pouco e produzam muito.
- Usar as forças e leis naturais existentes na Natureza como aliados. Ex.: força da gravidade, vento, marés, força da inspiração e motivação humana, etc.
- Promover o auto-sustento de cada indivíduo e da comunidade local.
- Utilizar os elementos de um sistema até ao seu máximo potencial, garantindo que estes se renovem e sejam úteis para outros elementos, mesmo que tenham terminado o seu ciclo de vida na presente condição.
- Reflorestar a terra e restaurar a fertilidade do solo.
- Trabalhar onde é mesmo necessário – plantar uma árvore onde é adequada; ensinar pessoas que queiram mesmo aprender; aprender com quem sabe.
- Estar preparado para mudar.

tudo começou com ética

Vistas do exterior e do interior da Casa de Fardos de Palha. As paredes são cobertas com terra e cal.

Aquele que sabe o que é o suficiente,
terá sempre o suficiente.

Lao-Tze

Todas as manifestações humanas se regem por efeitos de acção e reacção, quer se trate de desejos, impulsos intuitivos e instintivos, conhecimento, leis, valores morais, espirituais, culturais, materiais, filosóficos, éticos, etc. Assim, acções consideradas unanimemente como valiosas projectar-se-ão como reacções igualmente valiosas.

No seu livro Permacultura, Bill Mollison resumiu três valores éticos básicos que estão intrinsecamente ligados entre si.

Cuidar da Terra

Todos os seres vivos animados e inanimados. Animais e plantas, florestas, desertos, oceanos, solos, rios e águas subterrâneas, atmosferas, climas e em última análise o entendimento de todo o Universo.

Cuidar das pessoas

Este valor ético está interligado com o anterior pois não é possível cuidar bem das pessoas (começando por nós próprios) sem cuidarmos da terra e vice-versa. Assim, todos os seres humanos têm o dever de procurar e o direito a receber alimento, abrigo, cuidados de saúde, amor, educação, trabalho, entre outras necessidades, para que assim se possam manifestar como seres participativos no processo da Vida.

Partilhar os recursos aplicando limites ao consumo

Para que todos os seres existentes tenham oportunidades semelhantes de se manifestarem, é importante que cada indivíduo contribua com a dedicação aos outros. Assim que cada um de nós conseguir garantir as suas necessidades básicas (alimentação, abrigo, saúde, educação...) deverá estabelecer os seus limites e estender os seus conhecimentos, capacidades e valores para ajudar os outros a consegui-lo também. Cuidar da terra e das pessoas só é possível se existir colaboração entre todos na partilha dos recursos que a vida nos proporciona. No entanto, para que estes recursos sejam equitativamente distribuídos no tempo e no espaço, é necessário que cada indivíduo saiba o que é ter o suficiente e partilhe os seus excedentes, sejam estes materiais ou de conhecimento, de uma forma positiva e colaborante.

» consequência, os sectores sociais, económicos e em muitos casos culturais, readaptar-se-iam no sentido de uma maior integração de todos os sectores intervenientes. Por isso o conceito de Permacultura depressa evoluiu para abarcar a Cultura de um modo geral.

Podemos então concluir como definição que os sistemas de Permacultura estão intrinsecamente ligados à maior permanência sustentável de qualquer cultura existente na Terra. O conceito de Permacultura é conhecido internacionalmente como «A Revolução disfarçada de Jardinagem» ou «A Revolução Silenciosa» visto que, tal como já foi escrito no parágrafo anterior, é muito mais do que jardinagem ou agricultura e quem pratica estas estratégias a fundo não o faz de um modo «barulhento» mas sim com uma atitude tranquila e paciente tal como uma observação e interacção colaborante com a Natureza requer.

Hoje o termo é usado com complementos mais específicos consoante a aplicabilidade de um projecto. Alguns destes projectos são a Permacultura Urbana e a Permacultura Comunitária, que poderão não ter necessariamente a ver com a gestão de espaços naturais mas sim com a gestão harmoniosa de pessoas e suas capacidades, por exemplo.

O que não é

A Permacultura não é um sistema especializado e exclusivo de determinada actividade mas sim um método de integração harmoniosa de vários componentes da actividade humana, tais como agricultura, piscicultura, silvicultura, arquitectura, engenharia, paisagismo, política, economia, sociologia, cultura, etc.

Não é uma filosofia teórica, uma religião, uma seita, um dogma ecológico, um «ismo».

Os conceitos, valores, princípios éticos e práticos da Permacultura podem ser aplicados em qualquer actividade humana. A sua simplicidade e clareza é sustentada por padrões universais que só a Natureza detém em toda a sua vastidão.

dossiê Permacultura

a arte de colaborar com a natureza

a Ética em acção e os princípios aplicados no terreno

PRINCÍPIOS DA PLANIFICAÇÃO APLICAÇÕES E ESTRATÉGIAS PRÁTICAS

Ao planificar-se uma intervenção humana no meio envolvente, seja este uma casa, prédio, bairro, cidade, uma horta, jardim ou floresta, deverão ter-se em conta alguns princípios que regem a estabilidade e sustentabilidade do projecto.

Estes princípios aplicam-se a qualquer lugar independentemente da localização, tamanho ou aplicação, e são linhas orientação e de bom senso que nos guiam no processo.

Posição relativa

Cada elemento é posicionado relativamente a outro(s) de forma a criar uma relação sinergética em que cada um beneficia de alguma maneira do outro. Por exemplo um lago posicionado a Sul (no hemisfério norte) junto a uma janela de uma casa serve de fonte de iluminação e de aquecimento natural para o seu interior, devido aos reflexos da luz solar na superfície da água (ver ilustração 31 e foto 6). Para além deste benefício energético, o lago junto da casa providencia também: beleza estética, a possibilidade de ouvir os cantos e observar os pássaros que a este vêm beber, uma fonte de água para rega; uma barreira de protecção em caso de incêndio, e o aumento da biodiversidade. Por sua vez, a posição elevada da casa (a norte do lago) actua como protecção do vento diminuindo a evaporação, protegendo o solo e as plantas envolventes, contribuindo assim para a criação de um pequeno microclima onde várias espécies vegetais e animais convivem.

Cada elemento tem várias aplicações

Este princípio está intrinsecamente ligado ao anterior como já exemplificado. Mas eis outro exemplo: uma sebe de frutos silvestres providencia abrigo para pequenos animais, corta-vento, sombra, frutos, matéria orgânica, beleza paisagística, biomassa, etc.

Cada função importante é suportada por vários elementos

Num sistema bem desenvolvido existem algumas funções que desempenham um papel base na cadeia. Por exemplo, a energia eléctrica pode provir da rede de abastecimento normal mas deverá também provir de painéis solares, duma turbina eólica, dum gerador por moinho a água, entre outros. Outro exemplo essencial é a fonte de água: esta poderá provir de sistemas canalizados da rede pública, de nascentes, de furos subterrâneos, de reservatórios de captação da água da chuva, de plantas, etc.

12 Painéis solares e eólica (Serra de Monchique).

Planificação eficiente dos recursos energéticos do local (análise e distribuição por sectores e zonas)

Durante todo o processo de planificação e implementação dever-se-á ter em conta a morfologia e os recursos energéticos já existentes no local. Um curso natural de água (sector) localizado no terreno acima da casa deverá ser aproveitado para canalizar água para a rega das hortas mais abaixo. Estas por sua vez, relativamente à casa (zona), deverão ser posicionadas de modo a facilitar os acessos consoante as prioridades de colheita.

Prioridade dos recursos biológicos renováveis em vez dos recursos provenientes de combustíveis fósseis não renováveis

Tanto quanto possível, um sistema deve confiar as suas fontes energéticas às que são de origem renovável: energia solar, vento, água, gás metano proveniente da compostagem orgânica, animais, etc.

Promover a reciclagem energética no local

Todos os resíduos deverão ser reciclados pelo sistema local, sendo transformados em recursos energéticos para outra aplicação. Os restos de alimentos, aparas de jardim, ervas e outros restos orgânicos deverão ser decompostos num local apropriado – vulgarmente conhecido por composto –, onde se irão transformar em matéria orgânica fertilizante do solo. Este processo pode ainda ser mais bem aproveitado através de um biodigestor, com o qual se poderá obter gás metano libertado durante a fermentação. Este gás poderá alimentar um fogão normal.

Promoção da sucessão natural das plantas a fim de criar solos e habitats favoráveis

A sucessão natural acontece na Natureza selvagem permanentemente. Devemos assim guardar e reutilizar as sementes da colheita do ano anterior e assim por diante. Estas sementes adquirem ao longo dos anos propriedades de desenvolvimento e resistência adaptadas às diversas características do solo e clima locais.

Implementar sistemas biodiversificados através da policultura, com ênfase em espécies benéficas

As culturas sinergéticas entre diferentes plantas originam ecossistemas cujas espécies beneficiam mutuamente das características das vizinhas. Estes benefícios passam por as plantas terem diferentes tipos de raízes, projectarem ou não sombra, serem capazes de fixar azoto no solo, protegerem outras plantas do vento, cobrirem o solo evitando a evaporação e erosão, reduzirem ou eliminarem a susceptibilidade às pragas, entre outros.

Praticar o efeito de periferia e padrões naturais

A Natureza mostra-nos em tudo o que nos rodeia os seus padrões através de formas circulares, espirais, ondulações, bifurcações, deltas, entre muitos outros. Repare-se que, para a mesma área, uma cama hortícola plantada em linhas onduladas comporta mais pés do que se fosse semeada em linha recta.

Existem muitos outros princípios de planificação diferentes e complementares a estes. Aqueles aqui indicados são os mais elementares e normalmente aplicáveis em intervenções rurais, paisagísticas e florestais. Estes mesmos princípios podem ser aplicados em projectos de cidade ou tão simplesmente na decoração de nossa casa ou noutro espaço não natural.

ESTRATÉGIAS

A nível humano devemos ter uma noção mais ou menos coerente das atitudes relativas ao meio que nos envolve e do tipo de vida que escolhemos. Nos dias que correm a confusão é generalizada e poucos de nós conseguem ter uma perspectiva global e clara do que se passa connosco, com os outros e com o planeta. Como referiu Einstein, «a perfeição de meios e a confusão de fins parecem caracterizar a nossa era.» No entanto, existem estratégias que nos podem ajudar muito no caminho a percorrer.

NOÇÃO DE VERDADEIRA RIQUEZA

Este exercício ajuda-nos a clarificar quais são efectivamente os valores de verdadeira riqueza. Tendo noção destes, podemos escolher e decidir melhor o que pretendemos para a nossa vida, comunidade local e obviamente mundial. »

- Saúde
- Amor
- Paz – Paz interior
- Amigos
- Abrigo
- Alimentos de boa qualidade
- Boas colheitas
- Partilha
- Água limpa
- Ar limpo
- Árvores
- Animais
- Plantas
- Bom clima
- O Oceano
- Montanhas
- Animais
- Passear pelo campo
- Bons vizinhos
- Divertimento
- Conhecimento
- …
- …

13 Casa em Taipa (Odemira).

dossiê Permacultura

a arte de colaborar com a natureza

OBSERVAR A NATUREZA

A Natureza tem vindo a demonstrar desde há milhões de anos que os seus métodos são infalíveis e, quer queiramos quer não, ela fará sempre o seu papel, quer exista o ser humano ou não. Ela é sábia e mostra-se como uma excelente e permanente professora disponível 24 horas por dia para nos ensinar.

Em sistemas de Permacultura, a observação da Natureza no seu todo e nos pormenores é essencial, pois só assim se podem compreender os seus processos e trabalhar em colaboração com ela. Observar, planificar, integrar e implementar sistemas que funcionem de acordo com as características naturais observadas no local são as «regras» de ouro para qualquer sistema bom e funcional.

PADRÕES NA NATUREZA

Uma das técnicas mais interessantes e com diversas aplicações é inspirar-se nos padrões da Natureza. Se observarmos e estudarmos bem os ecossistemas, seres vivos e fenómenos existentes na Natureza iremos com certeza chegar a uma conclusão: a Natureza não faz linhas rectas e tudo tem uma forma no mínimo ondulante. Eis alguns padrões naturais:

- **Espirais:** Algumas Galáxias; Vórtices da água; DNA; Caracóis; Tornados; Impressões digitais
- **Círculos:** Anéis das árvores; Pedras; Planetas; Anéis planetários.
- **Ovais:** Pedras, Conchas, Galáxias.
- **Ameias:** Cérebro; Amebas (os mais pequenos seres unicelulares); as Ameias possuem mais superfície para absorção.
- **Detríticos:** Ramos e raízes das árvores; Ramificações do curso da água dos Rios.
- **Fluxos:** Ar (espirais de Eckman); Água (fluxos de Von Karman); Lava.
- **Impulsos:** Planetas; Dia/Noite; Tempo; Marés; Bater do coração; Lua; Ciclo menstrual.
- **Dispersão:** O espalhar aleatório das sementes; de uma erupção vulcânica; da água; do fumo.

ENERGIA

A Energia é hoje o mais alto factor de poder e controlo social. Grande parte do consumo energético vem de fontes não renováveis, como os combustíveis fósseis, ou de fontes poluentes ou de risco potencial.

As energias limpas como a solar, vento, marés, entre outras estão de um modo geral «afogadas» e bem controladas pelas grandes multinacionais energéticas e por interesses políticos. No entanto vislumbra-se um despertar…

Reciclagem energética : «Não deixes escapar aquela água!»

Em sistemas de Permacultura, implementam-se e gerem-se com eficácia todos os processos de entrada e saída de energia no local, devendo esta ser canalizada e reciclada o maior número possível de vezes antes de sair naturalmente da nossa zona de intervenção. Por exemplo:

ÁGUA: Estratégias para reter água na paisagem

Sabemos que o ciclo natural da água leva a que cada gota tenha como destino o oceano, fechando assim um ciclo e iniciando outro. Por isso, durante o processo procura-se aprisionar o mais possível essa água, dando-lhe múltiplas aplicações.

Nas cidades modernas, nas nossas casas e mesmo nos sistemas agrícolas e industriais convencionais, a gestão da água é muito débil e desperdiçam-se incontáveis quantidades de medidas cúbicas deste precioso líquido. Para falar sobre este assunto são necessários muitos livros, que aliás já existem e clarificam a problemática da gestão da água, que será o luxo do século XXI caso não se adoptem, a nível individual e colectivo, medidas para evitar uma catástrofe.

14. e 15. **Rebentos a partir dos cortes dos topos de cenouras, nabos e beterrabas, utilizadas em culinária.**

Eis algumas técnicas para uma boa gestão da água:

- Irrigação gota a gota sob cobertura do solo (Mulch).
- Instalar torneiras cujo fluxo de água é misturado com ar.
- Reciclagem de águas cinzentas para regas de jardim (se estas não contiverem químicos, nomeadamente detergentes, como frequentemente contêm).
- Limpeza das águas pretas – fossas – com a construção de ETAPS – Estações de Tratamento de Água por Plantas.
- Usar chuveiros e de preferência com redutores de fluxo.
- Aprisionar em tanques, barris ou outros reservatórios a água das caleiras dos telhados.
- Construir piscinas biológicas.
- Cobrir o solo (Mulch).
- Construir valas (Swales) ao nível.
- Construir socalcos.
- Plantar bastantes árvores.
- Construir várias represas e lagos em pequena escala que aprisionem as águas das chuvas nos locais naturais de escorrência.

ENERGIA ELÉCTRICA

Hoje em dia podemos obter energia eléctrica de diversas fontes renováveis, nomeadamente solar, eólica e hidráulica. Em sistemas de Permacultura procura-se garantir que estas fontes provenham de mais do que uma origem. Mesmo que a fonte principal deste recurso seja a rede pública, é vantajoso que haja em cada casa uma outra cuja forma de obtenção que seja minimamente independente da central. Assim, não só se diminui o impacte no ambiente pelo reduzido uso das fontes energéticas megalómanas como as centrais termo e hidroeléctricas e nucleares, como ao mesmo tempo garantimos alguma suficiência no caso de estas falharem.

Este é um princípio bastante importante em sistemas de planificação em Permacultura: «Cada função importante deverá provir de várias fontes diferentes.»

Outras fontes e processos de obtenção e retenção de energia são também de ter em atenção no seu aproveitamento e aplicação, de tal forma que os desperdícios sejam minimizados e todas as potencialidades maximizadas. Eis alguns exemplos:

- Energia solar passiva
- Estufas
- Fornos solares para cozinhar
- Moinhos eólicos e hidráulicos canalizados para aplicações mecânicas
- Correntes de água e ar

AGRICULTURA

Agricultura Convencional Moderna

A agricultura convencional moderna é destrutiva e energeticamente ineficiente. Se analisarmos todo o processo de produção, desde a semente até ao produto chegar ao consumidor (não incluindo o processo final de tratamento do lixo), chegamos à conclusão que se gasta muito mais energia do que a que se obtém. Esta energia provém maioritariamente de fontes esgotáveis e poluidoras, exteriores aos locais de produção, e todo o processo se baseia na utilização de complexos sistemas de produção em grandes quantidades, utilizando vastas doses de químicos sintéticos aplicados em diversas fases da produção e armazenamento, para assim lucrar o produtor e intermediários, empobrecendo o consumidor final com produtos de má qualidade.

O ambiente perde; as terras são excessivamente lavradas, adubadas inorganicamente, irrigadas sob processos que desperdiçam grandes quantidades de água, pulverizados com herbicidas e pesticidas, os solos ficam expostos e os processos de erosão e salinização ocorrem a um ritmo acelerado. As linhas de água e lençóis freáticos ficam contaminados pela acção das contínuas infiltrações químicas no solo e pelo arrastamento das águas da chuva; o abate de florestas para criação de pastos provoca grandes desequilíbrios nos ecossistemas locais e muitos mais factos, causas, sintomas, acções e reacções continuariam a aumentar esta extensa lista de aspectos ligados à agricultura química intensiva.

Em Portugal, apesar de ainda haver produtores «caseiros» e mais ou menos conscientes, a situação é insustentável pelo facto de muitos dos agricultores serem pagos para não produzirem, ou para não colherem as suas produções (ex: trigo). O sistema mantém-se totalmente dependente das ajudas financeiras da PAC e obviamente do complexo novelo da dependência energética.

O *Doping* da Natureza

A agricultura convencional moderna utiliza o método de *doping* para assim conseguir melhores resultados na sua corrida desenfreada pelo capital e pelo controlo. **A Natureza é dopada com substâncias que elevam o seu desempenho na obtenção de produtos e a qualidade destes desce consideravelmente, com repercussões negativas na saúde dos consumidores e no Ambiente.**

O elevado desempenho produtivo provoca danos nos espectadores deste jogo (incluindo os próprios dopadores) e os campos onde o jogo se realiza vão-se degradando com o passar do tempo e contínuas injecções. »

dossiê Permacultura
a arte de colaborar com a natureza

Quem dopa a Natureza não tem que se preocupar em passar nos testes *anti-doping*, pois estes ou não se realizam ou estão à mercê das políticas comerciais e de interesses das grandes produtoras das substâncias dopantes. Estão livres para continuar o processo até à eventual morte por *overdose* dos jogadores, da assistência e do terreno de jogo.

Felizmente temos jogos disputados por equipas, pequenas é certo, de produtores que por convicção e amor ao jogo preferem jogar no *fair play* – são os produtores biológicos. Estes treinam os seus campos e suas equipas para colaborarem segundo os processos mais naturais e equilibrados, obtendo um produto saudável para a assistência. Ironicamente, estas equipas de produtores têm muito com que se preocupar com os testes *anti-doping*, pois o controlo é apertado e quem for apanhado sai do jogo. Para manter este apertado controlo activo e eficaz, cada produtor tem de pagar consideráveis somas financeiras aos fiscalizadores para destes obter um certificado que garante que jogam segundo as regras naturais, éticas e morais.

Em conclusão, quem joga *fair play*, cumpre todas as normas, não polui e oferece produtos de excelente qualidade tem que pagar; quem não joga *fair play*, destrói o ambiente e coloca no mercado produtos de má qualidade não tem que pagar nada, continua imune e capitalizado. Há aqui qualquer coisa errada ou estaremos todos enganados?

Na perspectiva da Permacultura, relativamente aos sistemas agrícolas ou a quaisquer outras actividades humanas de um modo geral, procura-se garantir que os recursos energéticos são providenciados de dentro dos próprios sistemas. Se assim não for, obteremos uma elevada dependência energética do exterior e obviamente aumentará a poluição. Para além disto, se algum sector do sistema exterior falhar, o permacultor agrícola não sofrerá danos pois mantém-se independente da complexa e monopolista teia de recursos exteriores.

Outra estratégia é a prática de Policultura (culturas diversificadas). A maior parte dos agricultores produz apenas um ou dois tipos de produtos em larga escala, a monocultura – milho; trigo; batata; fruta; vinha, etc.

A Policultura garante não só a maior biodiversidade da região, sendo benéfica para todo o sistema, como também garante ao produtor várias outras fontes de produção alternativas no caso de algumas falharem devido a intempéries ou outras adversidades.

Várias outras técnicas são utilizadas para um sistema agrícola mais permanente, como as culturas intercaladas (frutos, tubérculos, frutos, leguminosas, cereais, frutos, oleaginosas, forragens, etc.); a agricultura selvagem (ler *A Revolução de Uma Palha*, de Masanobu Fukuoka); agricultura sinergética; entre outras mais específicas, que utilizam técnicas muito interessantes de adaptação às condições naturais que cada agricultor encontra nos seus terrenos.

Quando um sistema permanente de agricultura é bem implantado e colabora com os processos naturais pode mesmo conseguir elevados níveis de produtividade e simbioses que nem a própria Natureza proporciona no seu estado natural. As sociedades que entenderem e praticarem isto garantem não só o seu sustento alimentar e outros recursos como também, economicamente e socialmente, adquirem um equilibrado nível de subsistência – uma cultura permanente.

16. Lago artificial (parte) com bomba alimentada por painel solar (Odemira).
17. ETAP – Estação de Tratamento de Águas por Plantas (Odemira).
18. Plantação de árvores autóctones do Sudoeste Europeu (Jardim Sudoeste Europeu – Ronfrio – Guarda).
19. Ilustração de jardim sensorial (Jardim Sudoeste Europeu – Ronfrio – Guarda).
20. Lago artificial (Jardim Sudoeste Europeu – Ronfrio – Guarda).

sociedade, economia finanças e mercado

SOCIEDADE

A sociedade é uma fonte inesgotável de criatividade, capacidade de trabalho, colaboração e entreajuda quando bem estruturada. O contrário também acontece (infelizmente numa maior dimensão) quando esta se perde no seu rumo, tornando-se desenfreadamente competitiva, sectária, sem escrúpulos, gananciosa e cega.
Ao longo da história temos assistido à extinção de movimentos civilizacionais devido ao seu poderoso e etnicamente irregular império se ter tornado exclusivista. Foi o caso por exemplo do Império Romano. Ao contrário, outras civilizações mais tolerantes e cooperantes existem ainda hoje, como é o caso dos aborígenes e dos povos asiáticos de um modo geral.

Na sociedade moderna em que vivemos hoje assistimos a constantes desperdícios e ineficiências no desempenho de cada indivíduo ao realizar o seu trabalho. **A maior parte da população não gosta do que faz, sente-se obrigada a trabalhar e se pudesse não o fazia.** Entre muitos outros exemplos temos os Impostos que nos são «impostos», caso contrário ninguém os pagava e, em última análise, o comportamento e responsabilidade social de cada um de nós através dos sistemas legais que criámos são tudo menos lógicos e organizados, e cheios de contradições e obscuridades.

Em Permacultura pretende-se que cada indivíduo contribua com as suas capacidades naturais e reais para a elaboração de uma tarefa de forma eficaz.

Trabalhar com quem o faz de bom grado e de forma apaixonada, aprender com quem tem experiência e sabe fazer coisas; quem não tem experiência é também uma fonte de aprendizagem pois detém uma fresca capacidade criativa e inovadora.

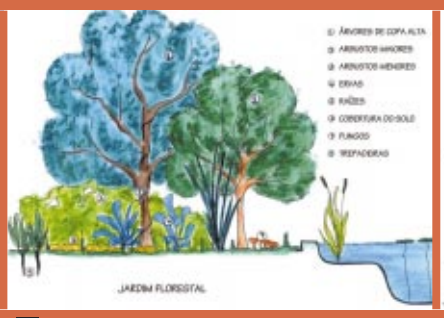
Os mais idosos são valiosas fontes de recursos em conhecimentos e muitas vezes também com capacidades físicas ainda activas cuja integração deve ser eficazmente aproveitada. Aprender com as crianças observando a sua capacidade intuitiva e livre de escolherem os melhores e mais interessantes locais para brincar. A sua pureza, capacidade de raciocínio e aprendizagem fazem delas pequenas pepitas de diamantes que reluzem e iluminam o caminho aos adultos (que são crianças que entretanto desaprenderam de ser simples). Basta estar atento.

ECONOMIA, FINANÇAS E MERCADO

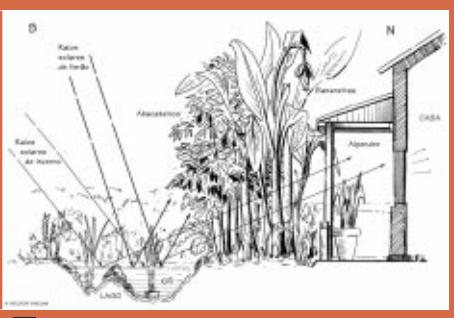
Estes sectores são aqueles cujos complexos individuais e complexidades colectivas são mais visíveis. A dependência financeira é hoje a maior «religião» de praticantes existente no mundo, quer seja para os mais abastados quer para os mais necessitados.

Na realidade é tudo muito simples, desde que mantenhamos o sistema monetário em pequena dimensão, o que em larga escala planetária não acontece devido à manipulação de uns e submissão de outros. »

21



22



23

21. Ilustração de encosta como lago artificial (Jardim Sudoeste Europeu – Ronfrio – Guarda).
22. Ilustração da configuração básica de um Jardim Florestal.
23. Ilustração do plano do lago.

dossiê Permacultura

a arte de colaborar com a natureza

PERDER OU GANHAR

Como já referimos anteriormente, os sistemas modernos de competição pela afirmação no mercado são destrutivos e sugadores de recursos naturais e humanos. Vivemos em processos dualistas internos e externos, em que perder e ganhar são os dois pesos e medidas, as duas faces da mesma moeda. O estado de consciência e atitude vigente na grande maioria da população é de que quem perde não ganha e quem ganha não perde... e ficamos contentes e radiantes de felicidade quando «ganhamos» e tristes e infelizes quando «perdemos». O paradoxo é que, muito frequentemente, o ganho de uns é a perda de outros. Num universo onde tudo e todos se encontram ligados, é mais que sensato distribuir os benefícios pelo maior número de indivíduos. Se persistir o cenário actual, em que uma minoria possui em excesso enquanto que a esmagadora maioria não tem o suficiente, gerar-se-á desequilíbrio no sistema, com repercussões negativas que se fazem e farão sentir em todos os estratos sociais e cujos prejuízos serão globalmente muito superiores ao eventual ganho de alguns.

Como posso ser capaz de me sentir feliz por ter ganho quando o meu «adversário» se sente infeliz por ter perdido? Obviamente é natural que assim seja, pois somos seres emocionais e nesta fase da evolução é desta forma que entendemos estes fenómenos.

Perder e ganhar, justiça e injustiça, bem e mal são conceitos e interpretações do homem. Na Natureza não existe esse sentimento mas sim mudança e evolução numa contínua expressão de vida em transformação.

No processo económico, social e cultural, este padrão de comportamento – o perder e ganhar – está bem enraizado e as consequências estão à vista. Por um lado temos sociedades ditas desenvolvidas que têm tudo à disposição (alimentos, abrigo, educação, cuidados de saúde, divertimentos, etc.), mas que são complexadas, tornam-se fracas nos valores morais e éticos, destruidoras de recursos naturais pelo excesso de consumo e ganância, enfraquecem por se alhearem da ordem natural e terem escassez de desafios que as façam evoluir como seres que amam e assim manterem uma profunda razão de viver. Por outro lado, temos sociedades ditas subdesenvolvidas que lutam todos os dias por um pedaço de pão e água, sem abrigo, educação e cuidados de saúde mas que ao mesmo tempo são muito mais «limpas» moralmente, respeitadoras do ambiente, sabendo tirar deste somente o que necessitam de uma forma mais sustentável e humanamente mais justa, com um propósito de vida comum, simplesmente sobreviver.

Ambas as sociedades necessitam de ajuda mútua para um ponto mais mediano de vida. Um restabelecimento do equilíbrio é necessário, combinando o que de melhor ambas têm. E porque em tudo tem de haver uma partilha de recursos – alimentos, habitação, ferramentas, conhecimentos técnicos, sabedoria, etc. –, propõe-se que para criar sistemas mais permanentes e equilibrados sejam adoptados processos económicos mais justos, em menor escala populacional e de mais fácil controlo.

24. Forno solar confeccionando o almoço enquanto se trabalha noutras tarefas, (Jardim Sudoeste Europeu – Ronfrio – Guarda).
25. Concepção de espiral de ervas aromáticas e medicinais (Seara – Porto).
26. Hortas comunitárias nas cidades (Almada).
27. Fazendo sabão a partir de óleo alimentar usado.

24

25

26

É nas economias de pequena escala, locais ou regionais, que se dá preferência aos milenares processos de troca directa de produtos e serviços, ao invés de uma moeda ou crédito especulativo cujas tendências são de acumulação e estagnação.

Estes métodos não são novos e como sabemos eram usados nos primórdios dos sistemas comerciais criados pelo homem quando este deixou de ser caçador recolector para se tornar agricultor-produtor num modo de vida mais sedentário. Em vários países já surgiram desde há muitos anos pequenos sistemas monetários alternativos e complementares aos macro-sistemas existentes. Alguns extinguiram-se como resultado natural de experiências pioneiras que são, e outros ainda hoje prevalecem e multiplicam-se cada vez mais. É o caso por exemplo do LETS (*Local Exchange and Trading Systems; sistemas de troca e comércio locais*) em Inglaterra (consultar http://www.gmlets.u-net.com com extensa informação de como funciona) e nos Estados Unidos o *Ithaca Hours* (http://www.ithacahours.com). Várias comunidades e eco-aldeias em diversos locais criaram também a sua própria moeda interna e gerem-na dentro do seu âmbito de vida.

Em Portugal surgiram já os Bancos de Tempo e os Trocais (http://tlx.mahost.org), mercados de comércio justo e de venda directa do produtor ao consumidor (http://www.mercadilho.net). Alguns evoluíram como cooperativas de consumo e têm demonstrado ser eficazes e estáveis, com cada vez mais aderentes como é o caso da Biocoop (http://www.biocoop.coop), da Naturocoop e da Biorege.

Teoricamente estes sistemas tornam obsoletos e desnecessários os Impostos, ou, mesmo que haja alguma contribuição para a sua manutenção, será mínima, proporcional à sua dimensão. Seria até mesmo um prazer pagar um «desimposto», pois sabemos que essa contribuição é aplicada na manutenção do sistema monetário e não para comprar armamento, por exemplo.

27

Recursos (análise de funções)

Aumentados pelo uso:
- Cérebro
- Músculos
- Informação
- Amor
- Apanha de fruta
- Erva
- Poda

Não afectados pelo uso:
- Sol
- Vento
- Energia cósmica
- Luz
- Ervas

Desaparecem se não são usados:
- Cérebro
- Músculos
- Informação
- Escoamento de águas
- Águas cinzentas

Reduzem-se pelo uso:
- Combustíveis fósseis
- Árvores
- Florestas tropicais
- Alimentos
- Água potável
- Peixes
- Minerais

Poluem e destroem pelo uso:
- Energia nuclear
- Combustíveis fósseis
- Químicos
- Desinformação
- Estradas
- Grandes barragens

Estes mini-sistemas financeiros são muito mais eficientes, pois permitem que os seus aderentes disponibilizem mais eficazmente os seus serviços e produtos e obtenham os que necessitam sem que para isso estejam aprisionados ao mercado especulativo, como acontece em macro-sistemas como o Euro ou o Dólar. Estes originam falsas necessidades e dependências catapultadas por sofisticadas técnicas de *marketing* e publicidade, que por si sós movimentam milhões na gestão das aparências dos produtos e serviços de produção em massa e de que a maioria de nós tem a ilusão que necessita. Mas acima de tudo são injustos pois enriquecem quem controla e empobrecem quem mais labora, que geralmente se encontra na etapa mais baixa do processo de produção. Este constante sofrimento da era moderna coloca-nos presos por nós próprios em gaiolas feitas de papel, metal e cartões magnéticos, qualquer que seja a classe social.

Afinal, o objectivo primordial de qualquer sistema económico, seja de troca directa, ou através de moeda ou crédito, é que cada indivíduo possa distribuir o seu contributo aos outros, recebendo destes o mesmo numa escala de medição o mais equilibrada possível no espaço, tempo e de real necessidade de consumo. (Bonito seria todos darmos incondicionalmente sem a expectativa de receber em troca, mas a humanidade ainda está longe desse estado de consciência...)

dossiê Permacultura

a arte de colaborar com a natureza

descendo ao pormenor

28. Lago artificial com perímetro ondulante para maior efeito (Jardim Sudoeste Europeu – Ronfrio – Guarda).

PERMACULTURA EM PORTUGAL

Em Portugal existem relativamente poucos entusiastas da Permacultura, apesar do interesse e curiosidade ter vindo a aumentar nos últimos dois anos. No Alentejo e Algarve encontram-se alguns praticantes de Permacultura que estão a elaborar projectos nas zonas onde residem. A grande maioria destes pioneiros é estrangeira.

Uma das razões do pouco conhecimento da Permacultura em Portugal deve-se à inexistência de informação escrita em português, estando neste momento a trabalhar-se para a publicação de manuais e boletins relativos às diversas temáticas. No entanto, como a Permacultura não é uma abordagem específica de uma determinada área, podemos encontrar em Portugal alguns sectores pioneiros em alternativas, excelentes exemplos de práticas que se podem e devem adoptar nomeadamente nos sectores da agricultura biológica, construção ecológica, fontes de energias limpas, processos de reciclagem, fornos solares, piscinas biológicas e ETAP (estações de tratamento de água por plantas), etc. Estas abordagens podem ser conhecidas em conjunto durante as feiras anuais de agricultura biológica e alimentação saudável (Agrobio no Porto e Terra Sã em Lisboa, e na Vegetariana que se realiza em Oeiras).

PLANIFICADORES DE SISTEMAS DE PERMACULTURA EM PORTUGAL (conhecidos pelo autor até ao presente)

Clovisilvestre em Mafra
www.clovisilvestre.com
Empresa especializada na construção e manutenção de espaços verdes, florestas, recuperação de solos e implementação de métodos agrícolas de produção biológica. Entre os diversos serviços apresentados inclui-se a Permacultura.

Lesley Martin (Dip. Permaculture Designer - English Permaculture Association)
lesley.martin@clix.pt

Nelson Avelar (Cert. Permaculture Designer- English Permaculture Association)
http://nelson-avelar.planetaclix.pt
nelson.avelar@mail.telepac.pt

PROJECTOS A DECORRER EM PORTUGAL:

Jardim do Sudoeste Europeu
Projecto de jardim florestal em Permacultura de árvores, ervas aromáticas e medicinais do sudoeste Europeu a decorrer na **Guarda**.

Trata-se de um projecto no âmbito do programa comunitário de jardins do Sudoeste Europeu (INTEREG IIIB) que se desenrola entre Portugal, Espanha e França.
Neste momento encontra-se em fase de implantação no terreno e enquadra-se no conceito de Permacultura de jardins florestais.
Para mais informações contactar BEIRAMBIENTE (www.beirambiente.pt).

Definição de Jardim Florestal
Jardins Florestais são ecossistemas constituídos por vários extractos biodiversificados que se assemelham a uma floresta selvagem.
É constituído por vários níveis:

- Nível das árvores
- Nível dos arbustos
- Nível das ervas
- Nível da cobertura do solo
- Nível das raízes
- Nível das trepadeiras
- Nível dos fungos
- Nível da água
- Nível dos insectos
- Nível dos restantes animais

CURSO DE PLANIFICAÇÃO EM SISTEMAS DE PERMACULTURA

Este curso inicial partilha os conceitos, estratégias e técnicas que sustentam as bases da Permacultura, que de um modo muito geral foram descritos neste artigo. É um curso oficial, certificado, que decorre ao longo de 72 horas divididas entre aulas teóricas e práticas, finalizando com um projecto elaborado pelos participantes no final.

Caso o curso seja terminado por completo, habilita o participante a uma certificação legal como Planificador de Sistemas de Permacultura e autoriza-o legalmente a usar o termo para os seus projectos pessoais ou profissionais.

Eis um resumo dos tópicos dados durante o curso:

Estratégias de estudo e aprendizagem
Ética e Princípios
Biodiversidade
Padrões da Natureza
Zonas selvagens

Ecologia Cultivada
- Pastos permanentes
- Cultivo sem cava
- Controlo biológico de pragas
- Jardins Florestais
- Técnicas de Horticultura

A Água na paisagem
- Água viva
- Técnicas de obtenção, conservação e armazenamento de água
- Aquicultura
- Águas residuais e tratamentos

Árvores e Florestas
- A energia de transacção das árvores
- Tipos de florestas
- Gestão dos recursos florestais
- Estabelecimento e manuseamento de bosques e seus recursos

Solos
- Técnicas de regeneração e conservação dos solos
- Climas e microclimas
- Estratégias para lidar com climas diferentes

Edifícios e Estruturas
- A habitação e o local de trabalho
- Permacultura Urbana
- Tecnologia apropriada
- Planificação energética eficiente
- Redução de lixo
- Reciclagem e acomodação de excedentes

Estruturas não visíveis
- A riqueza real
- Acesso à terra
- Economias formais e informais
- Estratégias de desenvolvimento comunitário

***Workshop* de planificação**
- O processo
- A observação e recolha de informação
- Mapas e sobreposições
- Recursos de apresentação
- Realização do projecto

29

30

31

29. Concepção de cama elevada por várias camadas de matéria orgânica (Seara – Porto).
30. Camada de papel e cartão.
31. Barril para captação de água das chuvas vindas pelas caleiras do telhado (Correios – Seixal).

dossiê Permacultura

a arte de colaborar com a natureza

» A PARTIR DAQUI: COMO PROSSEGUIR

Como orientação inicial é recomendável que se consultem *websites* na Internet, lendo os vários artigos e vendo as fotos no sentido de se entender melhor o conceito e a prática da permacultura. É importante começar devagar e em pequena escala pela «porta das traseiras», e ir gradualmente experimentando e implementando novas e melhores soluções. A observação paciente e a perseverança são essenciais.

Frequentar um curso oficial de 72 horas no estrangeiro ou eventualmente em Portugal quando este se realizar. Para receber aviso das datas e locais de realização de um futuro curso em Portugal por favor envie um *e-mail* para nelson.avelar@mail.telepac.pt

Adquirir livros e estudá-los (ver secção de livros).

Estar atento ao ambiente, à sociedade e suas mudanças.

OUTROS FACTOS E INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Permacultura é uma palavra registada internacionalmente e como tal não deve ser usada para fins promocionais, sejam estes lucrativos ou não, cujos valores éticos e princípios não estejam presentes ou se encontrem adulterados.

Em Inglaterra, o Governo financia projectos de Permacultura quer a nível educacional quer a nível institucional ou cooperativo. A formação em sistemas de Permacultura dá também equivalência aos estudos universitários nas áreas respectivas.

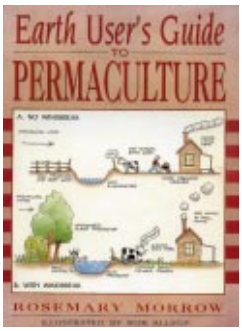
Em Portugal não existe até ao momento qualquer integração ou equivalência escolar.

No Brasil existe já uma forte rede de comunidades e práticas de Permacultura.

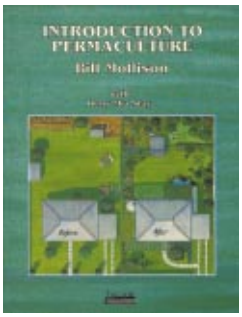
Apesar da idade avançada, Bill Mollison ainda é vivo e actualmente reside na sua quinta, após vários anos a viajar por todos os continentes dedicados a ensinar e implantar sistemas de Permacultura. Muitas tribos indígenas, comunidades locais de países e regiões desfavorecidas pela fome, sede e seca (África, Índia), ameaçadas de desertificação, e até mesmo nos meios urbanos e rurais, subsistem hoje de uma forma mais equilibrada devido aos seus ensinamentos e projectos implantados há alguns anos atrás.

LIVROS

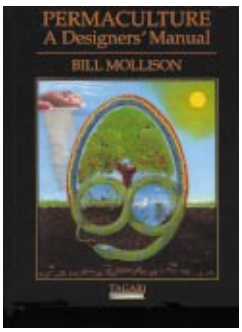
Existem já bastantes livros sobre estes temas, bem como sobre outros similares e mais especializados. Uma consulta ao *website* da Amazon www.amazon.com mostrará um leque cada vez mais crescente, pelo que neste artigo nos limitemos a indicar três livros próprios para quem está a iniciar-se e para quem necessita de saber mais.



EARTH USER'S GUIDE TO PERMACULTURE
autora: **Rosemary Morrow**
Ilustrações: **Rob Allsop**
editor: Kangaroo Press
ISBN 0-86417-514-0
Com uma linguagem simples e clara, este livro é um dos meus favoritos, e recomendado para quem está a principiar.



INTRODUCTION DO PERMACULTURE
autores: **Bill Mollison** with **Reny Mia Slay**
editor: **Tagari Publications**
ISBN 0-908 228-05-8
Um bom livro de introdução, que resume um pouco todas as temáticas. Da autoria de Bill Mollison que, com a sua exposição pragmática, nos elucida e apresenta soluções para o comportamento ambiental de um verdadeiro ecologista.



PERMACULTURE;
A Designer's Manual
autor: **Bill Mollison**
Editor: Tagari Publications
ISBN 0-908228-01-5
A «Bíblia» da Permacultura.
Este livro é o mais completo manual sobre Permacultura que existe até hoje e retrata a fundo todas as temáticas inerentes aos sistemas naturais, sociedade e economia.

A REVOLUÇÃO DE UMA PALHA
autor: **Masanobu Fukuoka**
editor: Via Óptima, Oficina Editorial
ISBN 972-9369-15-4
Excelente testemunho do autor e agricultor Masanobu Fukuoka,

pioneiro na agricultura selvagem, que neste livro relata porquê e como desenvolveu no Japão o processo de cultivo do arroz em sequeiro, alternando com outros cereais e leguminosas entre árvores de fruto e vegetais, sem uso de lavra, adubos, pesticidas, herbicidas, podas e vários outros processos mecânicos e exaustivos convencionalmente utilizados mesmo na agricultura tradicional.

VÍDEOS

GLOBAL GARDENER
Com **Bill Mollison**
Uma série de quatro programas de meia hora cada, que focam as problemáticas e as soluções implantadas por Bill Mollison com as comunidades locais. Cada programa foca uma zona climática diferente, nos trópicos, terras áridas, climas frios e e em meio urbano.

FARMING WITH NATURE; A Case Study of Successful Temperate Permaculture
autores: **Sepp** and **Veronika Holzer**
editor: Crystal Lake Video
Um excelente e inspirador vídeo da quinta dos Holzer, na Áustria. Recomendado.

LIGAÇÕES/RECURSOS E CONTACTOS

Nelson Avelar
Espaço do autor que nele realiza experiências em Permacultura
http://nelson-avelar.planetaclix.pt/permacultura

Lista de discussão Gaia Permacultura
http://gaia.org.pt/listas/listinfo/gaia-permacultura

Portal Eco-aldeias em Portugal
http://portugal.ecovillage.org

Associação Britânica de Permacultura
http://www.permaculture.org.uk/pcasite/
Excelente local com muitos recursos relativos a eventos, projectos e formação.

Permaculture Magazine
http://www.permaculture.co.uk/
Um bom espaço com bastante e diversificada informação, onde também se poderá assinar a revista

Permacultura Austrália
The Permaculture Research Institute
http://www.permaculture.org.au
Projectos, fóruns, artigos e centenas de fotos.

Permacultura-Es
http://www.permacultura-es.org
Portal de Permacultura em Espanha

Instituto de Permacultura da Bahia
http://www.permacultura-bahia.org.br/

Agrorede (Brasil) – Curso de Permacultura
http://www.agrorede.org.br/curso-permacultura
Bastantes fotos de um curso de Permacultura no Brasil

Aranya Fardens
http://www.aranyagardens.co.uk/
Um dos melhores e mais completos locais com informação textual e fotográfica sobre Permacultura. Contém bastantes exemplos de aplicações práticas dos princípios e métodos.

Ragmans Lane Farm
http://www.ragmans.co.uk/
Boas e diversificadas actividades

Fukuoka Farming
http://fukuokafarmingol.net/
Dedicado ao método de agricultura selvagem de Masanobu Fukuoka

Emília Hazelip
http://fukuokafarmingol.net/faemilia.html
Agricultura sinergética em França. Este espaço descreve em detalhe as técnicas utilizadas pela Emília. Existe também em vídeo.

Sepp e Veronika Holzer
http://www.krameterhof.at/
Excelente exemplo de uma quinta completamente sustentável.

a Natureza na poesia de Sebastião da Gama

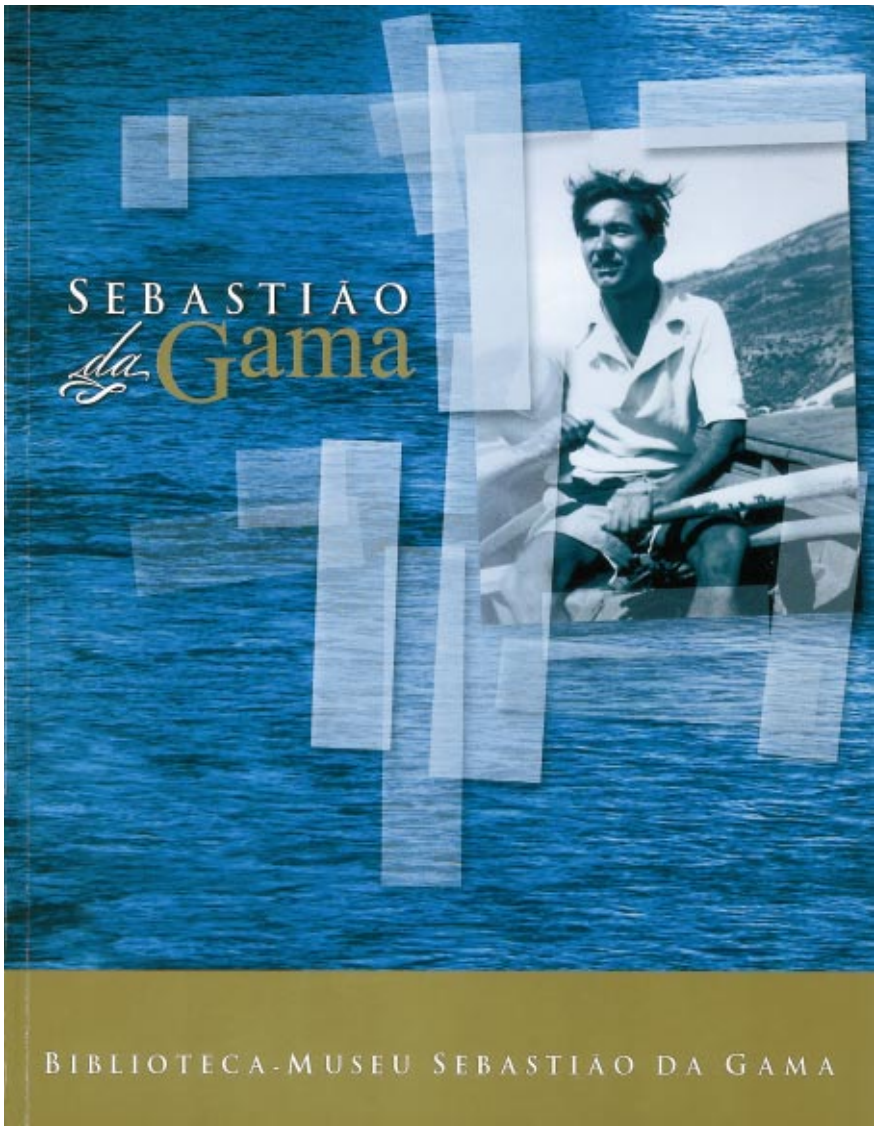
António Cândido Franco

São dois, em geral, os processos de criação em poesia. No primeiro caso, uma emoção extraída da vida transforma-se, por uma transfiguração interior, mais lenta ou mais imediata, em palavra dita ou escrita; no segundo caso, uma palavra dá origem, por uma metamorfose erudita, a uma nova palavra. Podemos chamar espontâneos aos poetas que recorrem às emoções vividas para criarem poesia e eruditos aos que recorrem à palavra sobre a palavra.

É porventura difícil encontrar casos puros de poetas espontâneos ou de poetas eruditos, já que toda a espontaneidade de primeiro nível pede um mínimo de elaboração linguística e de conhecimento verbal para chegar a ser poesia, pelo menos poesia verbal, e a erudição dos poetas de segundo grau não pode passar sem a emoção vital que caracteriza a criação espontânea.

Por isso, um poeta português contemporâneo, muito marcado por uma tradição culta, falava num dos seus livros de emoções linguísticas, quer dizer, emoções vividas através da língua como se fossem extraídas da vida. De igual modo, se pode falar inversamente, para acentuar o que de complexo a vida tem, do alfabeto da vida, pretendendo com isso dizer que os eventos vividos podem ser lidos enquanto linguagem, e linguagem elaborada, complexa, que é preciso decifrar.

A 7 de Fevereiro de 2002, passaram cinquenta anos sobre a morte de Sebastião da Gama. O cinquentenário, ao que me foi dado ver, porventura mal, passou quase despercebido, o que é, sobre ser uma injustiça, um desperdício. Com este pequeno texto, escrito a pedido insistente de um fidelíssimo de Sebastião da Gama, associo-me à memória do Poeta e presto homenagem àqueles que então o evocaram e não esqueceram.



Sebastião da Gama, por um conjunto de circunstâncias singulares, mas nem sempre felizes, onde se destaca o facto de ter morrido muito jovem, foi um dos casos mais puros de poesia espontânea de que há notícia em Portugal. Viveu apenas 28 anos incompletos, de 1924 a 1952. Começou decerto a escrever poesia muito jovem, pois publicou o seu primeiro livro, *Serra-Mãe*, num total de sessenta poemas, alguns muito extensos, aos vinte e um anos. No curto arco que medeia entre o ano da sua estreia, 1945, e o da sua morte, publicou mais duas escolhas de poemas — *Cabo da Boa Esperança* (1947) e *Campo Aberto* (1951) —, deixando uma outra pronta mas inédita à hora da morte, *Pelo Sonho é que Vamos* (1953). A este conjunto acrescentam-se os dispersos mais tarde reunidos em livro pelos amigos, *Itinerário Paralelo* (1967) e *O Segredo é Amar* (1969), a volumosa epistolografia que está sendo publicada (*Cartas I*, 1994) e sobretudo a prosa certeira do *Diário* (1958), em que relata a sua experiência de professor estagiário na Escola Veiga Beirão de Lisboa, nos anos lectivos de 1948-1950.

No seu livro de estreia, todos os poemas estão datados, o que pode ser visto como uma prova da sua espontaneidade; este poeta recebia o poema num estado de graça muito próximo do êxtase e, atendendo ao testemunho dos que com ele conviveram e ao estado dos seus manuscritos conhecidos, não se atrevia a tocar na letra dos seus versos, que só excepcionalmente retocava ou limava

Há um poema do seu livro de estreia onde se percebe como a poesia era neste poeta anterior às palavras. É o poema que se chama «Poesia». Nele se toma a poesia como um estado inefável ou uma aparição autónoma, diferenciada das palavras, que apresenta por isso mais afinidades com a realidade espontânea do mundo que com a linguagem dos homens. Por essa sua noção, que é tudo menos desatenta, ainda que pareça ingénua, o poeta diz:

> **Ai deixa, deixa lá que a Poesia**
> **no perfume das flores, no quebrar**
> **das ondas pela praia,**
> **na alegria**
> **das crianças que riem sem porquê**
> **– deixa-a lá que se exprima, a Poesia.**
>
> **Fica sentado aí aonde estás, Poeta,**
> **e não mexas os lábios nem os braços:**
> **deixa-a viver em si;**
> **não tentes segurá-la nos teus braços,**
> **não pretendas vesti-la com palavras...**

Uma tal noção de poesia, tão nua, tão despojada de artifícios, tão independente das palavras e tão próxima afinal da realidade imediata da vida sensível, tinha de dar necessariamente lugar a uma presença forte da Natureza. A natureza é em Sebastião da Gama aquilo que o Dicionário é para outros poetas; percebe-se que, num criador do seu género, a natureza apareça como o seu principal instrumento de trabalho. Há poetas que vêem na morfologia das palavras, como acontecia a Eugénio de Castro ou a Ângelo de Lima, a manifestação autêntica da poesia. São os poetas para quem o léxico e a gramática constituem a matéria-prima exclusiva.

Não assim, Sebastião da Gama. Para ele é na natureza que se encontra a poesia, aquela poesia essencial, que não necessita das palavras para existir. A natureza confunde-se com a realidade diferenciada que acima chamei de aparição, e podia ter chamado de poesia, e é ela, como não podia deixar de ser, a fonte original de todo o trabalho poético de um poeta com as características de Gama. ⁂

ELEGIA PARA UMA GAIVOTA

Morreu no Mar a gaivota mais esbelta,
a que morava mais alto e trespassava
de claridade as nuvens mais escuras
com os olhos.

Flutuam quietas, sobre as águas, suas asas.
Água salgada, benta de tantas mortes angustiosas, aspergiu-a.
E três pás de ar pesado para sempre as viagens lhe vedaram.

Eis que deixou de ser sonho apenas sonhado.
- : É finalmente sonho puro,
sonho que sonha finalmente, asa que dorme voos.

Cantos dos pescadores, embalai-a!
Versos dos poetas, embalai-a!
Brisas, peixes, marés, rumor das velas, embalai-a!

Há na manhã um gosto vago e doce de elegia,
tão misteriosamente, tão insistentemente,
sua presença morta em tudo se anuncia.

Ela vai, sereninha e muito branca.
E a sua morte simples e suavíssima
é a ordem-do-dia na praia e no mar alto.

———

in *Campo Aberto*

Arrábida, 1947-1950

MANHÃ NO SADO

Brancas, as velas
eram sonhos que o rio sonhava alto.
Meninas debruçadas em janelas,
via-se, à flor azul das águas, as gaivotas.
E a Manhã quieta (sorrindo, linda, vinha vindo a Primavera...)
punha os pés melindrosos entre as conchas.
Derivavam jardins imponderáveis
dos seus passos de ninfa
e tremiam as conchas
de súbitas carícias.

Longe era tudo: o medo dos naufrágios,
as angústias dos homens, o desgosto,
os esgares das tragédias e comédias
de cada um, os lutos, as derrotas.
Longe a paz verdadeira das crianças
e a teimosia heróica dos que esperam.

É verdade que, num tal entendimento de poesia, em que esta antecede de forma absoluta o momento da sua expressão verbal, se corre o risco de não se passar do silêncio. Com efeito, se o poeta deixar a poesia intocada no olor das flores ou no desfazer das ondas de uma praia, se a não cerzir de palavras, nunca essa primeira emoção vital passará além do silêncio, que aqui é a situação mesma de tudo o que é esquecimento. Só a intervenção da linguagem verbal ou do pensamento, se aceitarmos que este é expressão, pode garantir a permanência da poesia. É o que mais atrás apelidei aquele mínimo de elaboração linguística capaz de transformar uma emoção espontânea em poesia verbal.

Sebastião da Gama tinha uma apurada consciência das parcelas deste dilema e numa carta a Maria de Lourdes Belchior fala da emoção inicial, que devemos encarar como aquela espontânea manifestação silenciosa da poesia primordial, anterior às palavras, e fala da emoção consequente, que é o momento da intervenção da expressão verbal no processo anterior. Deste ponto de vista, o poema é o cruzamento de um esplendor que acontece de forma imprevisível com a linguagem verbal humana, muito mais voluntariosa e interior; a linguagem nada mais é, mas também nada menos, que a tentativa de encontrar o vaso capaz de dar permanência à permanência, capaz de tornar visível a luz maravilhosa e invisível. O poema funciona neste registo como uma arte da memória da vida e dos seus eventos mais esplêndidos e não como arte da palavra. O que se procura é fazer coincidir o brilho da emoção inicial com o da emoção consequente e não destacar este sem aquele.

Seja como for, ao supor o brilho da expressão verbal, mais que não seja por aproximação com aquela luz central que irradia da poesia como aparição inefável, a criação poética de Sebastião da Gama deixa folga para uma arte da palavra, se por esta entendermos a capacidade de criar símbolos, símbolos universais, mais que atmosferas. Talvez esta tendência para cristalizar formas verbais com um grau de propriedade ilimitada ajude a compreender a enigmática epígrafe que o poeta escolheu para abrir o seu segundo livro de versos, *Cabo da Boa Esperança* (1947), e que constitui uma sibilina reflexão sobre a sua própria arte de fazer versos.

> Que me importa, meus versos, que vos tomem
> (e eu vos tome também) por chaves falsas
> se vós me abris as portas verdadeiras?

Não surpreende que num poeta como Sebastião da Gama o fundo das suas emoções iniciais, aquelas que podiam garantir do ponto de vista do poeta a luminosidade das palavras futuras, se encontre quase por regra na Natureza. O título do seu livro de estreia é nesse aspecto sintomático. A serra, a serra de Frei Agostinho da Cruz, essa Arrábida que foi quase o berço e o ninho de Sebastião da Gama, é matriz de todas as suas palavras; sem o imprevisível da natureza não aparecem as emoções vividas, iniciais, que estão na origem do processo que leva ao aparecimento do poema como metamorfose ou decalque da realidade primeira e por aí perpetuação simbólica dessa mesma realidade.

Por isso, só inadvertidamente, por entendimento grosseiro ou gratuito do exercício verbal, os versos são chaves falsas; na verdade, pela metamorfose ou pelo alargamento simbólico, são eles que garantem a permanência daquilo que mais importa. Sem a natureza não pode haver aquela poesia dos entes a que se refere o poema «Poesia»; por sua vez, sem a poesia dos entes não pode existir a poesia das palavras.

É o que se passa desde logo no longo poema «Serra-Mãe» do seu livro estreia, e que está datado de Fevereiro de 1943. Leia-se a seguinte passagem, que temos por significativa da condensação simbólica das emoções anteriormente vividas, ainda que se esteja a falar, não o percamos de vista, de um jovem poeta de 18 anos, naturalmente muito pouco experiente no ofício de lidar e embutir palavras.

Na noite calma,
a poesia da Serra adormecida
vem recolher-se em mim.
E o combate magnífico da Cor,
que eu vi de dia,
e o casamento do cheiro a maresia
com o perfume agreste do alecrim;
e os gritos mudos das rochas sequiosas que o Sol castiga
– passam a dar-se em mim.

E todo eu me alevanto e todo eu ardo.
Chego a julgar a Arrábida por Mãe,
quando não serei mais que seu bastardo.

Repare-se como no poema a Serra morre para nascer dentro do sujeito. Através do relato dessa interiorização, apercebemo-nos da intensidade da emoção vivida, intensidade que vai além da superfície rugosa da experiência, mas damo-nos conta também que é por meio dessa interiorização em profundidade, quase uterina, que o poeta chega ao núcleo mais escaldante do poema, entendendo sempre o poema como permanência universal da sua experiência particular ou, se preferirmos, como símbolo da sua emoção poética vivida. Esse símbolo é já palavra, palavra nova e irradiante, como nova e irradiante foi a sua emoção. Trata-se do neologismo Serra-mãe, palavra composta por justaposição de duas outras, até aí nunca unidas, neologismo da autoria do poeta, e que nos parece a expressão verbal adequada daquela interiorizarão da natureza em profundidade que constitui a alma da emoção poética vivida.

Este processo que caracteriza o parto poético de Sebastião da Gama alargou-se depois à medida que o poeta foi tomando consciência de que nele residia a principal qualidade original da sua forma de composição, aquela que melhor garantia a autenticidade da sua criação entre os seus contemporâneos, em geral muito mais atraídos do que ele por uma poesia erudita, que punha de lado a emoção poética vivida, substituindo-a por aquele fingimento total, tão total que a própria verdade sentida devia ser fingida, que Fernando Pessoa deixara ambiguamente em moda uns anos antes e que a tudo se prestava, desde que o resultado ou a sua aparência assim o justificassem.

Seria agora excessivamente moroso, e decerto muito maçador para o leitor, apresentar um rol de exemplos que justificassem o que acabamos de dizer. Surpreender o momento de nascimento da sinceridade poética de Sebastião da Gama, ligando a vida à poesia, a emoção da natureza à palavra, chega decerto para se entender a alma íntima deste poeta tão puro — puro evidentemente dentro da sua família própria — e se perceber o papel crucial que a contemplação da natureza desempenhou no processo interior da sua criação.

Basta acrescentar aqui duas coisas. Em primeiro lugar, que não há título de livro de poemas, com excepção do último, que já é póstumo, em que Sebastião da Gama não repita o processo que encontramos na escolha do título do seu primeiro livro. Assim temos a referência geográfica do cabo da boa esperança e a alusão agrícola ao campo aberto. Em ambos os casos é de uma interiorização simbólica da experiência da natureza que se trata; geografia e paisagem passam a ser expressão verbal ou palavra poética. Talvez por esta mesma razão Vitorino Nemésio na recensão que fez do livro de estreia deste poeta (*Diário Popular*, 13.2.1946) tenha intitulado o seu texto «Arrábida (Poesia e Geografia)».

Em segundo lugar, vale a pena recordar que a noção de poesia que encontramos num poeta como Gama não nasceu com ele. É preciso ter em atenção que poucos anos antes de Gama, Teixeira de Pascoaes fora um homem de Serra, mostrando-se um poeta fortemente

MANHÃ NO SADO [continuação]

Ali, à beira-rio,

de olhos só para o rio, de ouvidos surdos

ao que não é a música das águas,

um sossego alegórico persiste;

Nem o arfar das velas o perturba.

Nem o rubor dos seios capitosos

da Manhã, que nas águas desabrocham

e flutuam, doentes de perfume.

Nem a presença humana do Poeta

– sombra que a pouco e pouco se ilumina

e se dilui, anónima, na aragem...

——

in *Campo Aberto*

Arrábida, 1947-1950

De água apenas meus lábios têm sede...

Pra comungar o espírito da terra.

Para beber a seiva que me falta.

Pra não mais resolver as minhas ânsias,

conformado, nos sonhos impossíveis.

Ironia cruel dos deuses mudos:

Nos longes a quis ver e ela tão perto,

a esplendorosa e única verdade

que é uma fonte límpida liberta!

——

in *Itinerário Paralelo*

(1942-1947; publicação póstuma 1967)

Foi necessário ter perdido tudo

para chegar à perfeição enorme

de não poder perder a confiança.

Já com riquezas vãs me não iludo.

Sei por fim que sou rico simplesmente

das coisas que deixaram de ser minhas.

——

in *Itinerário Paralelo*

(1942-1947; publicação póstuma 1967)

marcado por um espaço geográfico cheio de personalidade, quer dizer, um poeta que, ao invés de Pessoa, não estava de modo nenhum interessado em deixar cair a emoção vivida para chegar ao poema. As páginas da sua autoria que abrem Os *Poetas Lusíadas*, publicadas em 1919, em que ensaia a primeira distinção entre poesia espontânea e poesia culta, são do maior significado para situar o aparecimento da sinceridade poética de Sebastião da Gama. Retiro delas duas frases, nas quais o leitor poderá, porém, contemplar o assombroso abismo que vai da poesia à arte ou da vida ao verso.

> *Não devemos confundir os artistas do verso com os criadores de Poesia. Os primeiros interessam apenas à Literatura, ao passo que os segundos têm um interesse vital e universal, como uma flor e uma estrela.*

Sebastião da Gama foi um dos últimos grandes poetas portugueses que precisou da natureza para escrever poemas. Para ele uma flor valia um verso. Já vimos que no seu caso pessoal natureza e poesia se confundiam. Já vimos também que para ele não podia haver poema, poema com palavras, sem antes existir poesia, quer dizer, natureza. Era esta que imprimia na alma do homem o sentimento da poesia ou a sua emoção vivida; o poema tal como o conhecemos era depois a tentativa, mais ou menos sucedida, de cristalizar com alcance perene, numa forma humana, aquilo que não era de ninguém, nem sequer do Tempo, pois era de permanência que se estava a tratar quando se falava de poesia vivida.

Sebastião da Gama teve a felicidade de viver numa época e num espaço, a Arrábida da primeira metade do século XX, em que a natureza era um bem gratuito, quase original, que todos naturalmente respeitavam; pôde ver nela por isso, sem outras interferências, a fonte imaculada de toda a primordial emoção poética. Se vivesse hoje, sentiria mais do que qualquer outro as agressões de que ela é vítima e mais do que ninguém se levantaria em sua defesa. Tinha a consciência, de resto como Pascoaes, que a morte da natureza era a morte da poesia e que sem a emoção primordial das coisas da vida, essa poesia em estado natural, também a emoção humana, toda a emoção humana, e não apenas aquela que estava na origem do poema, estaria condenada a minguar e perecer.

António Cândido Franco

15 de Julho de 2004

uma leitura de Sebastião da Gama

(fragmentos) *Lisboa, Inverno de 1989*

Sebastião

Contigo aos quinze anos tudo se aprende,
a sentir, a amar e a cantar.
Depois vêm os sábios – és ingénuo,
simples de mais,
andas longe das ideias que triunfam.
Para ti não há louros, apenas a fidelidade inquebrável
de amigos vivos
que na mão fechada cabem.
Sim, é verdade, duas ou três professorinhas primárias
ao colo apertam os teus livros,
antes que venha o vendaval da vida e as transforme
em propagandistas de perfumes,
bancárias,
ou guardadoras de meninos, exaustas e já sem chama.
Professorinhas primárias! Torcem o nariz os eruditos,
os sofisticados críticos do esquecimento,
calam o teu nome,
exilam-te no limbo das antologias.
E no entanto vives, vives na Arrábida e na terra toda inundada de luz,
vives a cantar, a amar e a sentir.
Eternos são os quinze anos que te amam.

1

2

1. Com a filha de um pescador na Arrábida.
2. Com Joana Luísa na Arrábida.

uma leitura de Sebastião da Gama

Arrábida

Das brumas do norte chegado,
o deslumbramento que tu foste,
que tu és!
Fremente a terra debruçada no azul cristal,
tremente na leve aragem o carrasco,
o zambujeiro,
sulcado o céu de um branco fiapo perdido
sobre a oliveira na escarpa,
e o mar em baixo.
Agora que Tánatos parece presidir
e a Terra geme sob o peso da foice que aniquila,
agora que o veneno corre nos rios e nos mares,
e os solos contamina,
Arrábida por ti ainda vale a pena,
a montanha no ar finíssimo,
a tua paleta verde, ocre e azul,
a que os poetas amaram!

3

Serra-Mãe

A Terra é a Mãe.
Eis o que a época esqueceu, e apenas vai lembrando
agora, quando a Mãe agoniza.
Mas como a época compreende devagar!
Quantas urgências maiores – o vídeo, o astronauta,
a telecópia,
o álcool e a carne com que a agonia esquece.
Mas tu, directamente mamaste no seio verde
de tua Mãe Terra,
e no azul te perdeste e te entregaste,
ali onde o vias,
na tua Arrábida, na tua Serra Mãe.

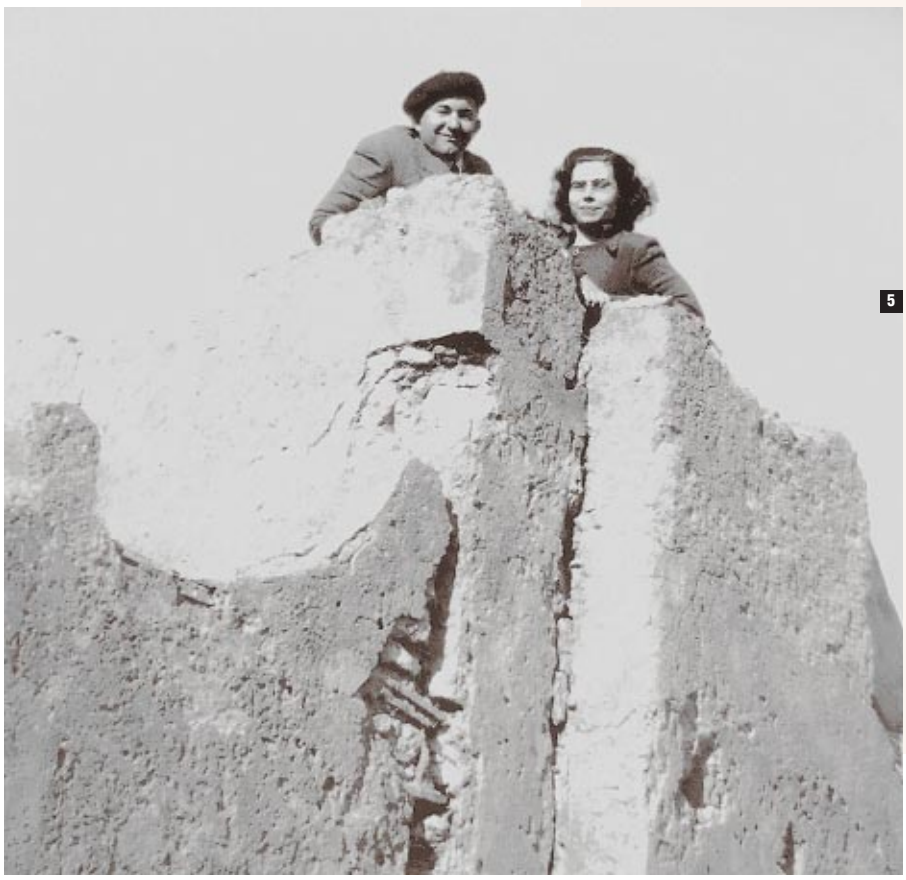
4

Campo Aberto

Voltam as costas aos campos, em debandada.
Sementes, quase todas de importação.
Porém, a terra aí está, como sempre, e raiz e conchego
nunca o negará.
De que fogem? Da miséria ou do esquecimento?
Do suor do rosto ou da solidão a que nos empurrámos?
Campo ainda aberto, Índia por descobrir,
rota da Esperança,
da Serra à Planície soubeste trilhar o caminho que nos resta.
Contigo o percorremos.

Pelo sonho é que vamos

Não chegamos. Vamos a caminho dentro do teu sonho.



5

6

3. No terraço do Forte, Portinho da Arrábida.
4. Casamento no Convento da Arrábida.
5. Com Joana Luísa no Mirante dos Frades.
6. Com Teixeira de Pascoaes.

vida e obra de Sebastião da Gama

Agradecimentos

Ar Livre agradece a gentileza e generosidade com que D. Joana Luísa da Gama, viúva de Sebastião da Gama, autorizou a publicação dos poemas inseridos nas páginas anteriores e das fotografias, tendo cedido algumas delas directamente. Agradecemos igualmente a colaboração da Biblioteca-Museu Sebastião da Gama e da Câmara Municipal de Setúbal. Os poemas de Aurélio Porto são um fragmento do conjunto Uma Leitura de Sebastião da Gama, e são publicados pela primeira vez

Sebastião da Gama nasceu em 1924, em Vila Nogueira de Azeitão. Aos 14 anos, é-lhe feito diagnóstico de tuberculose óssea e, na esperança de cura, a família vai residir para o Portinho, no sopé da Serra da Arrábida, prosseguindo então os estudos como aluno voluntário. Em 1941 matricula-se no Liceu Pedro Nunes, em Lisboa, e faz a admissão à Universidade, matriculando-se no ano seguinte no curso de Filologia Românica, na Faculdade de Letras de Lisboa.

O seu primeiro livro de poemas, *Serra-Mãe*, foi editado em 1945. Dois anos depois é-lhe diagnosticada tuberculose renal. Nesse mesmo ano licencia-se com 17 valores, defendendo tese sobre o tema «A Poesia Social do Século XIX» e inicia a sua vida docente como professor provisório na Escola Comercial e Industrial João Vaz, em Setúbal. Em Dezembro de 1947 edita o seu segundo livro, *Cabo da Boa Esperança*. Em Janeiro de 1949 passa a leccionar como professor estagiário na Escola Veiga Beirão, em Lisboa, e começa a escrever o seu livro *Diário*, notável obra pedagógica que influenciou gerações de professores, e que completou ao longo do estágio, até 1950. É então nomeado professor efectivo da Escola Comercial e Industrial de Estremoz. O seu terceiro livro de poemas, *Campo Aberto*, é publicado em 1951, ano do seu casamento com D. Joana Luísa da Gama, celebrado no Convento da Arrábida. Nesse ano visita José Régio em Portalegre e Teixeira de Pascoaes em São João de Gatão, na Serra do Marão. Faleceu em 7 de Fevereiro de 1952, cerca de dois meses antes de completar 28 anos.

Postumamente foi publicado o livro de poemas *Pelo Sonho é que Vamos*, e ainda *Itinerário Paralelo*, este composto por inéditos e dispersos. Foi ainda publicado o volume póstumo *O Segredo é Amar*, constituído por escritos em prosa, desde narrativas a ensaios, estudos e anotações. As *Cartas*, cuja publicação está prevista em sete volumes (cartas à noiva, cinco volumes; cartas aos amigos, entre os quais Matilde Rosa Araújo, David Mourão Ferreira, Luís Filipe Lindley Cintra, dois volumes), começaram a publicar-se em 1944, com um primeiro volume de Cartas para Joana Luísa, sua noiva, que abrange o período 1943-44, e aguardam continuação. Sebastião da Gama colaborou ainda em diversas revistas literárias da época, como *Árvore* e *Távola Redonda*.

7

A obra de Sebastião da Gama publicada em vida viria a ser reeditada pelas Edições Ática, que publicaria ainda algumas obras póstumas. Entretanto, estão actualmente a ser reeditadas pelas Edições Arrábida (já reeditadas: *Diário*, *Pelo Sonho é que Vamos*, *Itinerário Paralelo*), que publicou também dois livros de poesia inédita: em 2003, sob o título *Não Morri porque Cantei...*, quadras «ao gosto popular», com introdução, transcrição e edição de Mariagrazia Russo; em 2004, *Estevas*.

A obra de Sebastião da Gama tem sido sempre acarinhada por um público fiel, embora a crítica e os antologiadores nem sempre lhe atribuam o destaque que merece. É assim gratificante encontrar Sebastião da Gama em epígrafe de uma antologia da jovem poesia portuguesa, bilingue português-francês («Anthologie de la jeune poésie portugaise, 24 poètes», revista *Bacchanales* n.° 33, Revue de la Maison de la poésie Rhône-Alpes, Couvent des Minimes, rue du Dr Lamaze, 38400 Saint-Martin d'Hères, França, tel. 04 76 54 41 09, maison.poesie.rhone;alpes@wanadoo.fr). A antologia, organizada por Nuno Júdice, é traduzida por Catherine Dumas, João Carlos Vitorino Pereira, Patrick Quillier e Marie-Claire Vromans. Em nota dos tradutores, assinada pelos dois primeiros e inserida no início do volume, lê-se:«Quisemos que o panorama da mais recente poesia portuguesa… se inscreva na continuidade da história da poesia contemporânea portuguesa. É esse o sentido do laço accionado com duas gerações precedentes através dos poemas em epígrafe de Sebastião da Gama e Fiama Hasse Pais Brandão.»

Contacto: Edições Arrábida, a/c Sebenta Editora, Lda - Mem Martins, tel. 219 216 379, fax 219 203 716, info@sebenta.com

José Carlos Marques

7. Com Joana Luísa e David Mourão Ferreira.
8. Capa das Quadras de Sebastião da Gama.
9. Remando junto à Serra da Arrábida.

8

9

in *Serra-Mãe*
Dezembro
1945

SERRA-MÃE
(excerto)

O agoiro do bufo nos penhascos,
foi o sinal da Paz.
O Silêncio baixou do Céu,
mesclou as cores todas o negrume,
o folhado calou o seu perfume,
e a Serra adormeceu.

Depois, apenas uma linha escura
e a nódoa branca de uma fonte amiga;
a fazer-me sedento, de a ouvir,
a água, num murmúrio de cantiga,
ajuda a Serra a dormir.

O murmúrio é a alma de um Poeta que se finou
e anda agora à procura, pela Serra,
da verdade dos sonhos que na Terra
nunca alcançou.
E outros murmúrios de água escuto, mais além:
os Poetas embalam sua Mãe,
que um dia os embalou.

[... ...]

A minha alma sente-se beijada
pela poalha da hora do Sol-pôr;
sente-se a vida das seivas e a alegria
que faz cantar as aves na quebrada;
e a solidão augusta que me fala
pela mata cerrada,
aonde o ar no peito se me cala,
desceu da Serra e concentrou-se em mim.

[... ...]

Folhado: Flor da Serra.

in *Cabo da Boa Esperança*
1947

DEFESA

O Sol é meu e dos meninos ricos...
– Triste de quem não vê florir as rosas!
Triste de a quem somente foram dadas
ruas sombrias, lôbregos desvãos!

Ah, mas não tenho a culpa. Sou moreno,
sou forte, porque o Sol me quer assim.
Digam ao Sol, se entendem, que se esconda:
não me peçam a mim que esconda as mãos,
nem que neguem meus olhos e meus lábios
o milagre de o Sol gostar de mim.

in *Cabo da Boa Esperança*
1947

AS CRIANÇAS

Olhavam para tudo extasiadas.
Puras, em cada rosa, em cada pedra,
viam beleza eterna e absoluta.
Seus olhos primitivos resumiam
a intacta poesia da Manhã.

____

in *Campo Aberto*
Arrábida, 1947-1950

Tudo frutificou: o campo estava aberto,
deu conchego e raiz a todas as sementes.

____

in *Campo Aberto*
Arrábida, 1947-1950

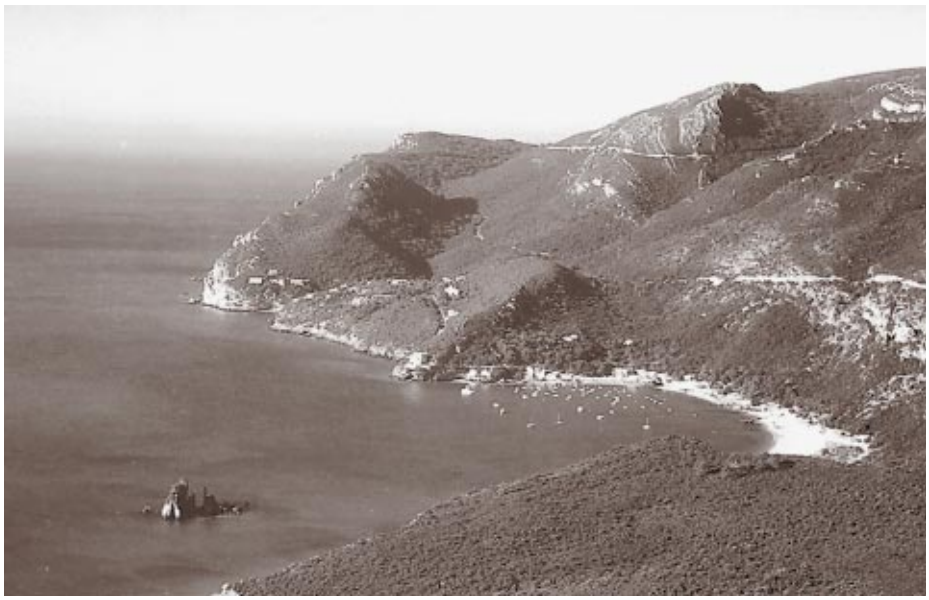
ELEGIA SEGUNDA

Todos os pássaros, todos os pássaros
asas abriam, erguiam cantos,
de Amor cantavam.

Todos os homens, todos os homens,
de almas abertas, de olhos erguidos,
de Amor cantavam.

De Amor cantavam todos os rios,
todas as serras, todas as flores,
todos os bichos, todas as árvores,
todos os pássaros, todos os pássaros,
todos os homens, todos os homens.

De Amor cantavam...



in *Pelo Sonho é que Vamos*
póstumo; 1953

POEMA PARA FRANCISCO BUGALHO

Pra onde te levaram?
Aqui é que é o Sol, o orvalho,
a esteva.
Aqui é que os sobreiros e os
teus versos
dizem quem foste.

O Céu é para os mortos.
Tua égua lazã, tua seara,
teu gado, tua vinha,
bem sabiam que um vivo é que
os sustinha.
O Céu é para os mortos,
Lavrador!

Entre olivais, montados, trigos
novos,
ando a lembrar-te.
Saudosamente aperto entre os
meus dedos
húmida, negra, cheia de
promessa,
terra que amaste.
O Céu é para os mortos,
Lavrador!
–: Nesta terra fecunda é que
ficaste.

in *Pelo Sonho é que Vamos*
póstumo; 1953

O ZAMBUJEIRO

Deus disse: «O Zambujeiro
nasça.»
Viril, rompeu da terra o
Zambujeiro.
O tronco é o de um homem das
montanhas.
São mãos de cavador seus
ramos. Só as folhas,
delicadas, suaves... Pela noite,
quando tudo se cala, mesmo os
pássaros,
o Zambujeiro canta...

in *Itinerário Paralelo*
(1942-47; public. póstuma 1967)

DESABROCHAR

Tudo se passa,
quando a Manhã nasce na Serra,
como se uma flor abrisse
e pelo ar
o seu perfume subisse...

in *Itinerário Paralelo*
(1942-47; public. póstuma 1967)

AL PETENDAM PLUVIAM

Que venha a gota de água que se
espera!
Venha, enquanto se espera,
matar a sede aos homens e aos
trigos!

Venha,
enquanto o meu olhar a
reconhece
e a Terra ainda sabe
como é que põe as mãos quem
agradece...

Antes que possa a Terra já
tomá-la
por lágrimas que chore,
venha.
Nem que pareça dada com
desprezo...
Nem que seja uma esmola
sem caridade alguma repartida...

Venha, Senhor!
a dar à Terra o encanto de ser
Mãe;
a pôr cantigas
na sua boca rubra já gretada;
a estremecer-me o sangue
de ritmos esquecidos,
como se fosse a Terra
fecundada...

Venha ao menos, Senhor!, para
pagar
este milagre nosso
de não termos cansado de
esperar...

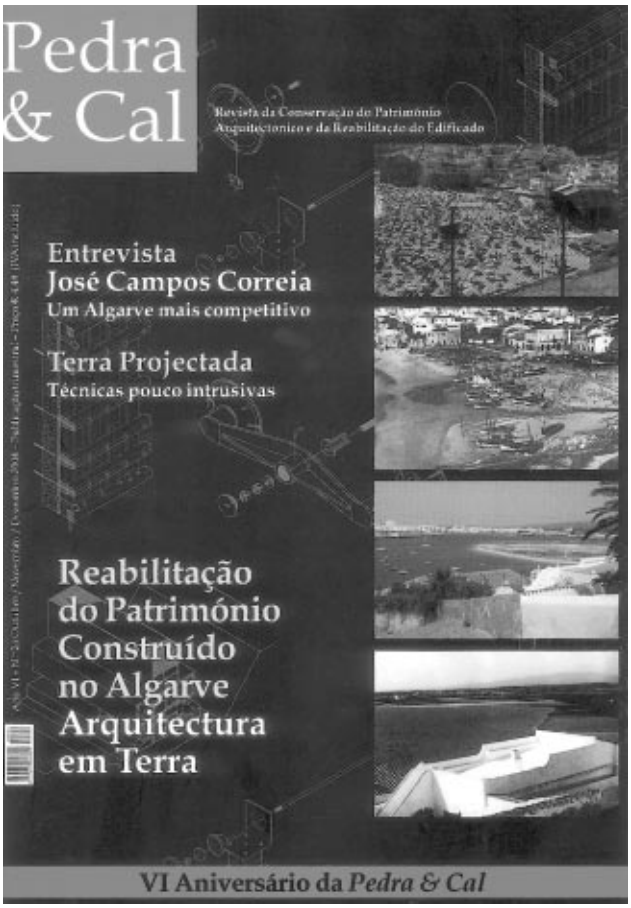
Poemas seleccionados por
José Carlos Marques

PEDRA & CAL
e a arquitectura de terra

Enquanto que, em Itália, o sector da construção conta com mais de 40 por cento na recuperação e restauro, em Portugal a proporção não chega aos 5 por cento! Essa é uma das razões que explicam o estado caótico do nosso urbanismo e do nosso território e a fealdade que reina por toda a parte.

Pedra & Cal rema contra essa maré. Subintitulada Revista de Conservação do Património Arquitectónico e da Reabilitação do Edificado, é publicada pelo GECoRPA, Grémio das Empresas do sector. O número relativo ao último trimestre de 2004 incide especialmente sobre a reabilitação do património construído no Algarve, dando especial atenção à arquitectura de terra, uma forma tradicional e ecológica de construir dotada de extraordinárias virtudes. Infelizmente, grande parte do património de arquitectura de terra (taipa e adobe, basicamente), tanto no Algarve como no litoral centro oeste (o Portugal do barro de que falava Orlando Ribeiro), tem vindo a ser demolido ou caiu em ruínas. Oxalá este número de ***Pedra & Cal*** contribua para a sua reabilitação.

Contacto: Pedra & Cal, Rua Pedro Nunes, n.° 27-1.° Esq., 1050-170 Lisboa, tel. 213 542 336, fax 213 157 996
http://www.gecorpa.pt
info@gecorpa.pt



O CONSUMISMO EXISTE?
ou a propaganda contra o consumismo

Pedro Schprejer*

O documentário ***Surplus*** (Suécia, 2003), do realizador italiano Erik Gandini, é uma produção inovadora tanto em forma quanto em conteúdo. Todo construído em cima de uma linguagem muito próxima à usada em videoclipes e vídeos publicitários, o filme traz uma contundente crítica ao modo de vida consumista que conduz o sistema económico capitalista dos dias de hoje. Utilizando-se, de forma genial, do poder de síntese e da objectividade da estética publicitária, o realizador apresenta uma espécie de contrapropaganda à Sociedade de Consumo e à globalização injusta e desigual que domina actualmente.

«O Homem está desenvolvendo um modelo de vida e de consumo absolutamente insustentável, que, se continuar assim, irá causar sérios danos para a própria humanidade e para o planeta», é deste ponto inicial que o realizador parte para propor um amplo debate que aborda questões como o essencial e o supérfluo nos dias de hoje.

O mais interessante é que, por mais que deixe clara a sua posição sobre este assunto, em vários momentos, o filme prima por manter aberto o debate de ideias, apresentando diversos personagens e abordando as suas diferentes relações com o mundo e com a prática do consumo.

O primeiro e, talvez, o mais importante personagem é o filósofo americano John Zerzan, considerado por muitos o guru dos Black Blocks, grupo anarquista que actuou nas manifestações durante a reunião do G8, em Génova, no ano de 2001, incendiando carros e apedrejando lojas na ruas de Génova. O pensamento de Zerzan (http://www.primitism.com/) vai sendo apresentado e debatido ao longo do filme. Estão presentes também, como não poderia faltar, duras críticas aos líderes da globalização e senhores da guerra – Bush, Blair e Berlusconi – que aparecem, ironicamente, para fazer mea culpa dos seus erros.

O aspecto mais interessante e, realmente, vanguardista do filme é a contraposição entre forma e conteúdo. Apenas a ideia de usar as «armas do inimigo» para atacá-lo, ou seja, de usar a linguagem do videoclipe e da propaganda – símbolos máximos da

*** Estudante do quarto ano de Jornalismo, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/ Brasil; pedrodeoliveira4@bol.com.br**

JOANINHA AVOA AVOA...

Neste número em que a agricultura ecológica (biológica e permacultura; veja-se a entrevista com Paul Lannoye e o dossiê Permacultura no caderno central) tem destaque, não podia faltar uma referência à ***A Joaninha***, boletim informativo da AGROBIO, Associação Portuguesa de Agricultura Biológica.

No número mais recente, do Outono-Inverno 2004-05, curiosamente, encontramos um artigo, *Construir com a terra*, sobre um tema a que nos referimos também na nota sobre a revista *Pedra & Cal*. O artigo é da autoria da Arq.ª Catarina Pereira, uma das animadoras da associação Centro da Terra (www.centrodaterra.org), que se empenha no estudo, na documentação e na difusão das arquitecuras de terra.

Mas a maior parte dos artigos são mesmo sobre agricultura biológica, um deles sobre Uma Quinta Biológica na Escola, casos de agricultores de sucesso em agricultura biológica que dizem que tem que ser por gosto!, ou ainda sobre a situação alarmante causada pelos pesticidas, e mil outras informações de interesse tanto para agricultores biológicos como para os consumidores dos seus produtos.

Contacto: Agrobio, Calçada da Tapada, 39, R/C Dto, 1300-545 Lisboa, tel. 21 364 13 54, fax 21 362 35 86, comunicacao@agrobio.pt, www.agrobio.pt

sociedade de consumo – para fazer um filme anti-consumismo já é, no mínimo, inovadora. Como se isso não bastasse, ***Surplus*** consegue mostrar claramente e com profundidade, a necessidade de se discutir o consumo e de se transformar em realidade o desenvolvimento sustentável em todo o mundo. O filme já conquistou vários prémios, no mundo inteiro, e pode ser encontrado na Internet.

Nascido em 1943, John Zerzan é considerado o principal autor de uma corrente filosófica chamada Primitivismo. Zerzan talvez seja um dos autores mais extremistas da actualidade. Em sua teoria anarco-primitivista, ganham grande destaque ideias como o retorno do homem à idade da pedra e a erradicação de todo o tipo de tecnologia desenvolvida desde então. O seu livro mais importante é *Future Primitive*, de 1998.

O desenvolvimento tecnológico associado ao consumismo é, segundo Zerzan, responsável pela degradação ambiental do planeta. Ele é ainda um dos editores da revista *Green Anarchy* que difunde ideias anarco-primitivistas e ambientalismo radical. Zerzan mora em Eugene, Oregon, e, de acordo com o filme ***Surplus***, vive apenas com o dinheiro que obtem doando sangue.

SOBRE O SURPLUS

Surplus: Terrorized into being consumers
(Supérfluo: consumidores à força de aterrorizados)
Suécia, 52min, cor, 35mm, 2003
Realizador e Produtor: Erik Gandini
Montagem (importante citar): Johan Söderberg
Director de Fotografia: Carl Nilson-Lukas Eisehauer
Companhia Produtora: Atmo Media Network
Diálogos: Espanhol / Inglês / Sueco
Legenda: Inglês
Surplus foi filmado em oito países durante três anos

ALGUNS PRÉMIOS QUE O FILME GANHOU

– Vencedor do Lobo de Prata no Festival Internacional de Cine-Documentários de Amsterdão, 2003
– FICA 2004 – Festival Internacional de Cinema

LITORAL NORTE GUIA DE PERCURSOS

«A orla costeira é uma faixa de invulgar concentração de recursos naturais, inquietante dicotomia entre riqueza e fragilidade, ambivalência generosa em que um meio privilegiado simultaneamente se oferece e se esgota, opondo o homem ao litoral...». Com estas palavras, adaptadas do livro *Biosfera* (publicado em 1998 pelo Instituto de Conservação da Natureza), abre este pequeno mas interessante *Guia de Percursos*, com interesse lúdico e científico, editado pela Direcção de Serviços de Gestão Ambiental no âmbito da Direcção Regional do Ambiente e do Ordenamento do Território-Norte, que pretende dar a conhecer percursos cujas características expressem a grande diversidade do Litoral Norte, parte bastante urbanizada de um litoral português ora de areais extremos, ora de falésias, ora com grandes estuários e acidentes naturais, ora com dunas, umas vezes de elevado valor cénico, outras tantas deteriorado. A brochura abrange o litoral dos concelhos de Caminha, Viana do Castelo, Esposende, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Matosinhos, Porto e Vila Nova de Gaia.

Em complemento, foi editado um CD Rom, aplicação multimédia interactiva onde se aborda a Orla Costeira como faixa de concentração de recursos naturais, as suas riquezas e fragilidades e as propostas ambientais e estruturais para a sua preservação e recuperação.

Contacto: Comissão de Coordenação do Desenvolvimento Regional do Norte, Direcção do Ambiente e do Ordenamento do Território-Norte, Rua Formosa, 254, tel. 223 400 000, fax 223 323 795, dran@dra-n.pt www.dra-n.pt

» Ambiental, realizado em Goiás, Brasil
– Ecocinema 2004, Grécia
– Prémio de maior audiência no Festival Internacional de Curtas de Vila do Conte, Portugal, Julho 2004.

FILMOGRAFIA DO REALIZADOR

Raja Sarajevo, 94/ Not Without Prijedor, 96/ Amerasians, 98/ Sacrificio-Who Betrayed Che Guevara, 01

DEPOIMENTO DO JÚRI DO FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINE DOCUMENTÁRIOS DE AMSTERDÃO

«... This film about consumerism totally consumed us. It used the language of music video, propaganda and commercial advertising as a response to the forces of globalisation. It fights fire with fire. The questions it raises are ultimately more important than any answers it might suggest. And we believe audiences can only profit from the debate that will ensue. For its originality, sense of humour, irony, forcefulness and visual virtuosity, the Silver Wolf Award goes to SURPLUS.»
– The Jury of the International Documentary Filmfestival in Amsterdam, Nov.2003

«Surplus is an open declaration of war on terror»
– Adbusters Magazine

SITE DO FILME:

http://www.atmo.se/zino.aspx?articleID=382
Existe à venda o DVD do filme, com legendas em 6 línguas (incluindo português).

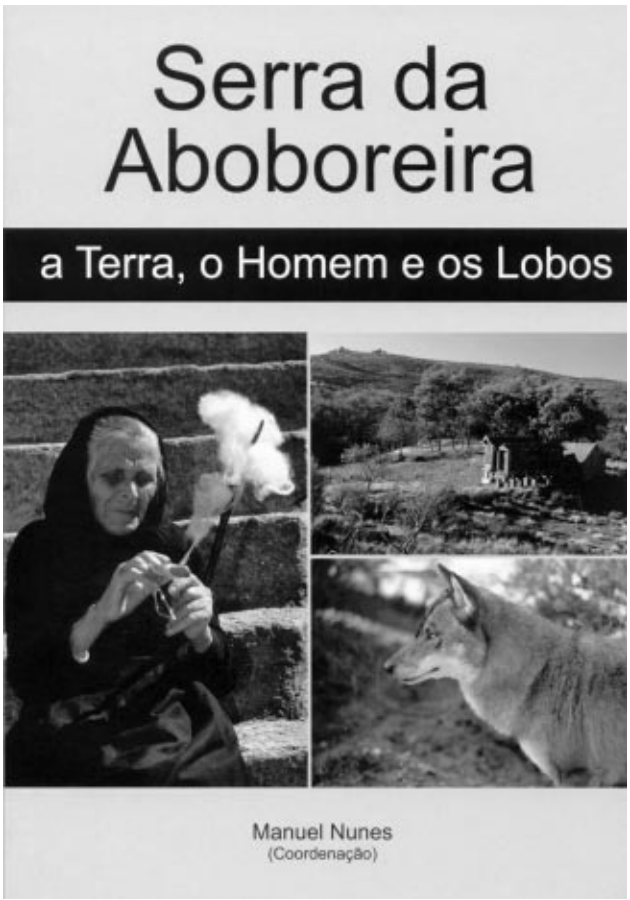
HÁ LOBOS NA SERRA

Recentemente editada pela Câmara Municipal de Amarante, a obra *Serra da Aboboreira – a Terra, o Homem e os Lobos* é o resultado de um Projecto de Educação Ambiental, o Projecto LOBO, desenvolvido ao longo dos dois últimos anos na área da Serra da Aboboreira, no âmbito do Clube de Ambiente e Exploração da Natureza (CAEN) da Escola EB 2,3 de Vila Caíz (Amarante), em parceria e colaboração com diversos investigadores nacionais (Faculdade de Ciências de Lisboa; Faculdade de Ciências do Porto; Faculdades de Letras de Coimbra; Faculdade de Letras do Porto; Parque Natural do Alvão, TAGIS, entre outros).

Embora o enfoque do trabalho seja o lobo, esse mítico animal em vias de extinção no nosso país, designadamente os aspectos relacionados com a sua ecologia, mitologia, distribuição e situação na Serra da Aboboreira e no maciço montanhoso Marão-Alvão, dado que esta região constitui o extremo sul da distribuição nacional da espécie a norte do rio Douro, a obra acaba por proceder a uma caracterização desta extraordinária região montanhosa que abarca os concelhos de Amarante, Marco de Canaveses e Baião, tanto em termos de património humano como de património natural, fazendo um exaustivo levantamento arqueológico, florístico e faunístico, facto que em muito enriquece o conhecimento, até agora disperso, sobre este que ainda é um dos últimos redutos «selvagens» do interior do Distrito do Porto.

A edição é da Câmara Municipal de Amarante (Julho de 2004). O livro tem 146 páginas e é vendido ao público ao preço de 10 . Para adquirir a obra, os interessados devem contactar a Biblioteca Municipal de Amarante pelas seguintes vias:

Biblioteca Municipal Albano Sardoeira, Largo de Stª Clara,
4600-034 – Amarante, telef. 255 420 236,
ou Câmara Municipal de Amarante, 4600-011 – Amarante,
telef.:255420200, fax:255420201, telem.: 919867146
amarante@cm-amarante.pt
http://www.cm-amarante.pt/entrada.htm

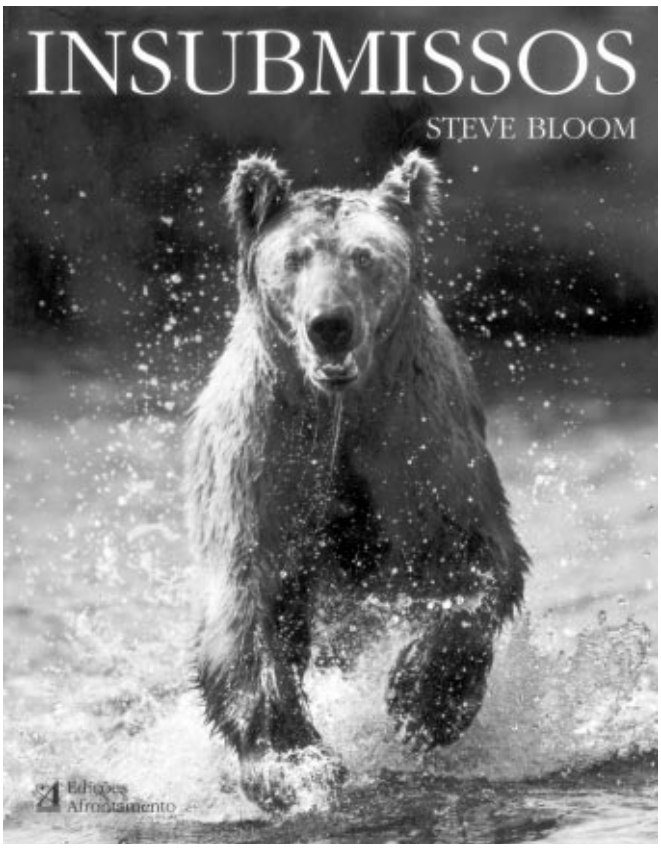


INSUBMISSOS

Steve Bloom

«Obra essencial para os amantes de animais, mas também, e simplesmente, para os amantes de fotografia», nas palavras do editor deste livro excepcional, provavelmente a mais notável edição do «livro de Natureza» em Portugal, ou uma das mais notáveis seguramente. E a um preço relativamente moderado (64 euros)! O autor, o fotógrafo Steve Bloom, nasceu na África do Sul em 1953, fixou-se em Inglaterra na década de 1970 e viria depois a enveredar pela fotografia de animais, tornando-se um nome cimeiro do género. Autor de *Em Louvor dos Primatas* (In *Praise of Primates*), da editora Könemann, e deste *Insubmissos* (Untamed), intitulado na edição francesa *Anima*l, do editor La Martinière, da qual deriva a edição portuguesa (Edições Afrontamento, Rua de Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto, ISBN 972-36-0717-4).

Grandes mamíferos e aves sumptuosas, uma iguana como raro representante dos outros reinos animais, agrupados por quatro grandes continentes, África, Antártida, Eurásia e América, num livro em formato gigante de mais de 420 páginas, algumas das quais desdobráveis em grandes painéis que apresentam todo um enquadramento paisagístico deslumbrante, revelam ao olhar atónito toda a magnificência da Terra.



A introdução do autor manifesta uma aguda consciência conservacionista adquirida ao longo do exercício da sua arte: «Quando inicialmente comecei a fotografar a vida selvagem, adoptei uma postura algo despreocupada, acreditando ingenuamente que havia muito tempo para visitar os lugares selvagens do mundo. Como estava enganado! A destruição ambiental avança a um ritmo alarmante... ... ... Depressa um sentimento misto de urgência e apreensão passou a dominar a minha determinação em tirar fotografias.»

Steve Bloom vai mesmo mais longe do que muitos ambientalistas, adoptando uma atitude crítica da perspectiva antropocêntrica: «As imagens deste livro constituem uma reacção à ideia de que o ser humano está no centro de todas as coisas... ... A observação do mundo natural permite-nos compreender os vínculos que unem os seres humanos à Natureza e constatar que a inteligência e a individualidade não são características exclusivamente humanas.» Nessa palavra individualidade vai toda uma filosofia. Alguns ecologistas, cujo contributo para a conservação do mundo natural é relevante, recusam-se a pensar o animal em termos também de individualidade, reconhecendo apenas importância à espécie. Mas, como acrescenta Bloom, «quem tem animais de companhia apercebe-se» dessa individualidade. Poderíamos talvez dizer que a posse não é necessária, bastando a observação atenta, mesmo a do animal não-domesticado, «insubmisso».

Quase no final da sua curta introdução, que é praticamente todo o texto que este livro contém se exceptuarmos as legendas descritivas agrupadas nas últimas páginas e do epílogo, também do autor, intitulado «Capturando a luz» e que aborda aspectos artísticos e técnicos, Steve Bloom integra a conclusão a que o seu trabalho o fez chegar, dando-lhe uma dimensão simultaneamente filosófica e poética: «O mistério do espírito emerge em todas as formas de vida, e não está confinado a uma entidade única. A consciência intuitiva dos outros é o próprio fundamento do amor. Na sua forma mais pura, é o sentimento de estar em uníssono com todo o Universo, onde se perde a percepção do ‹eu› como centro de tudo.»

... Continuação da página 2

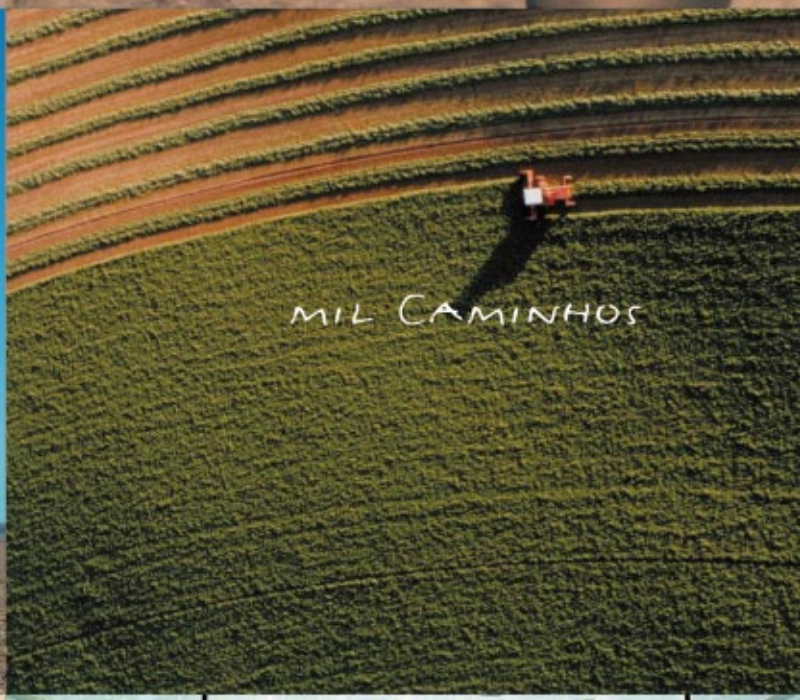
6. Ciclo Jardins, visita aos jardins da zona do Freixo.

Visita da Campo Aberto à Zona de Paisagem Protegida das Lagoas de Bertiandos, Ponte de Lima, guiada por Henrique Velho

7. e 8. Aproveitamento exemplar da margem direita do rio Lima para zona pedonal.
9. e 10. Extensa zona húmida com bosquetes florestais de vegetação natural (Amieiros, Carvalhos, Salgueiros e Vidoeiros), pastagens e áreas agrícolas.

A Campo Aberto colabora intensamente com mais sete associações no âmbito da Plataforma Convergir sobre questões ambientais e urbanísticas relativas ao Porto e Região. A nível nacional, a associação apoia a Plataforma Sabor Livre, que pretende preservar as riquezas florísticas e faunísticas da região do Baixo Sabor e salvaguardar aquele rio como um dos últimos rios portugueses sem barragens, e integra a Plataforma Transgénicos Fora do Prato, sendo ainda membro da CPADA - Confederação Portuguesa de Associações de Defesa do Ambiente.

Contactos Campo Aberto:
campo_aberto@oninet.pt
telefax e mensagens gravadas 229759592
Apartado 5052 - 4018-001 Porto
www.campoaberto.pt



Millennium
bcp

A vida inspira-nos